

Universidades Lusíada

Ribeiro, Luís Miguel Ferreira Viana

Intervenção na aldeia do Catarredor : um estudo tipológico com vista a uma intervenção

<http://hdl.handle.net/11067/5991>

Metadados

Data de Publicação

2020

Resumo

A globalização e as diversas transações económicas, sociais e culturais são um facto consumado e atual no panorama universal. Com base em tais circunstâncias, e conjeturando-se a continuação desse fenómeno por vários e longos anos, será imprescindível que a disciplina arquitetónica, na sua particular dimensão vernácula de expressão popular, seja capaz de salvaguardar e implementar princípios e bases (numa dimensão contemporânea) que permitam acolher e proporcionar condições mais favoráveis aos ...

Globalization and the several economic, social and cultural transactions are a fait accompli and current fact in the universal panorama. Based on such circumstances, and conjecturing the continuation of this phenomenon for several long years, it will be essential that the architectural discipline, in its particular vernacular dimension of popular expression, is able to safeguard and implement principles and bases (in a contemporary dimension) that allow to welcome and provide more favorable con...

Palavras Chave

Arquitetura, Arquitectura popular, Tipologia, Sentidos

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

no

Coleções

[ULF-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-05-17T09:35:15Z com informação proveniente do Repositório



ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR HENRIQUE FABIÃO

INTERVENÇÃO NA ALDEIA DO CATARREDOR
UM ESTUDO TIPOLOGICO COM VISTA A UMA INTERVENÇÃO

LUÍS MIGUEL FERREIRA VIANA RIBEIRO



DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
PELA UNIVERSIDADE LUSÍADA DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

FAA - FACULDADE DE ARQUITETURA E ARTES

DEZEMBRO DE 2020

INTERVENÇÃO NA ALDEIA DO CATARREDOR
UM ESTUDO TIPOLOGICO COM VISTA A UMA INTERVENÇÃO



UNIVERSIDADE LUSÍADA NORTE – CAMPUS DE V. N. DE FAMALICÃO
FAA – FACULDADE DE ARQUITECTURA E ARTES

INTERVENÇÃO NA ALDEIA DO CATARREDOR
UM ESTUDO TIPOLÓGICO COM VISTA A UMA INTERVENÇÃO

Luís Miguel Ferreira Viana Ribeiro

Dissertação para a obtenção do grau de mestre em arquitetura

Orientador

Professor Doutor Henrique Fabião

Vila Nova de Famalicão

Dezembro 2020

In memoriam

Avó Maria Helena Sampaio Viana
(1930-2020)

À minha família, em especial

Aos meus pais

À minha irmã

Que são a base de toda a minha educação e formação enquanto ser. O meu muito obrigado pelo suporte em cada momento, por nunca me terem deixado cair mesmo quando tudo parecia menos favorável, bem como por todos os esforços realizados – que não foram poucos – em prol do meu desenvolvimento.

Agradecimentos

A elaboração de uma dissertação de mestrado – que se materializa no culminar de um longo e gratificante trajeto – requer trabalho árduo, determinação, empenho e ânimo, não só por parte do discente que a realiza como, também, de todos aqueles que o suportam e são determinantes no seu quotidiano.

Neste sentido, as primeiras palavras de apreço são dirigidas ao meu orientador, Professor Doutor Henrique Fabião, por toda a disponibilidade, paciência, amabilidade e conselhos prestados durante este percurso.

Em seguida, quero gratificar todas/os as/os minhas/meus colegas e amigas/os que me acompanharam ao longo destes últimos cinco anos e continuarão, com toda a certeza, a acompanhar no futuro; bem como a cada uma/um das/dos docentes que tiveram uma participação ativa na minha formação académica, em particular ao Professor Doutor Carlos Santos, com quem iniciei esta jornada, pelo incentivo e apoio ao tema escolhido.

Não poderia deixar de prestar o meu tributo e agradecimento, em específico, ao Bruno, ao Renato, à Rita, ao Sérgio e ao Tiago, pelas palavras de incentivo e motivação, pelo apoio na revisão de textos e pelas sugestões bibliográficas, como também por toda a restante ajuda facultada.

A todos, o meu grato e sincero muito obrigado.

Índice de figuras.....	XI
Resumo.....	XIV
Abstract.....	XV
Introdução.....	18
I. O mundo em expressão na aldeia	
1. Globalização – o ‘pós-moderno’ global.....	22
2. Genius loci – o caráter da aldeia do Catarredor.....	32
3. Refugiados – ‘grupo alvo’.....	46
3.1. A opressão política e o terrorismo na Síria.....	47
3.2. O que nos diz o direito internacional.....	47
3.3. Síria – a casa.....	50
4. Sentir a obra arquitetónica - uma linguagem universal.....	53
4.1. O Homem.....	54
4.2. Perceção.....	56
4.3. Sentidos.....	57
4.3.1. Visão.....	60
4.3.2. Tato.....	62
4.3.3. Audição.....	63
4.3.4. Olfato Paladar.....	64
II. Da teoria à prática	
1. Conceito – da ideia à forma.....	70
1.1. Programa.....	72
1.2. Descrição do projeto.....	73
1.3. A aldeia e os sentidos materializados na tipologia.....	74
Conclusão.....	78
Bibliografia.....	81
Apêndices.....	85

Esta dissertação está escrita de acordo com o novo acordo ortográfico da língua Portuguesa

Índice de figuras

Capítulo I

- 001** | Percurso no interior da aldeia do Catarredor.....17
Desenho por: Luís Miguel Viana
- 002** | Movimento na aldeia do Catarredor.....21
Desenho por: Luís Miguel Viana
- 003** | Mundo global.....23
Fotografia por: Andrea Piacquadio
Disponível em: <https://bit.ly/3oCKvhk> [Acedido a 02 de dezembro de 2020]
- 004** | Multiculturalismo.....23
Fotografia por: Gerd Altmann
Disponível em: <https://bit.ly/3oGENLp> [Acedido a 18 de setembro de 2020]
- 005** | Torre Eiffel em Paris.....27
Fotografia por: Norbu Gyachung
Disponível em: <https://bit.ly/3n18s1e> [Acedido a 01 de dezembro de 2020]
- 006** | Torre Eiffel em Las Vegas.....27
Fotografia por: Wayne S. Grazio
Disponível em: <https://bit.ly/2VZs> [Acedido a 01 de dezembro de 2020]
- 007** | Inserção da aldeia do Catarredor na serra da Lousã.....30
Fotografia por: Júlio Oliveira
- 008** | Panorama geral da aldeia do Catarredor.....31
Fotografia por: Júlio Oliveira
- 009** | Dispersão mental.....33
Fotografia por: Elina Krma
Disponível em: <https://bit.ly/3gxFpQk> [Acedido a 04 de dezembro de 2020]
- 010** | Essência do lugar.....33
Fotografia por: Hekeem James Hausley
Disponível em: <https://bit.ly/3qIjc7a> [Acedido a 18 de novembro de 2020]
- 011** | Espírito do lugar.....35
Fotografia por: Hekeem James Hausley
Disponível em: <https://bit.ly/3lXQXOd> [Acedido a 18 de novembro de 2020]

012	Essência da aldeia do Catarredor.....	37
	Fotografia por: Luís Miguel Viana	
013	Representação da fauna na aldeia do Catarredor.....	41
	Fotografia por: Luís Miguel Viana	
014	Exemplo de Carvalho presente na aldeia do Catarredor.....	41
	Fotografia por: Vítor Hugo Silva	
015	Exemplo de Oliveira presente na aldeia do Catarredor.....	41
	Fotografia por: Vítor Hugo Silva	
016	Habitação ‘tipo’ na aldeia do Catarredor.....	45
	Fotografia por: Filipe Martins	
017	Pré-existências na aldeia do Catarredor.....	45
	Fotografia por: Luís Miguel Viana	
018	Família de refugiados Sírios.....	49
	Fotografia por: Bulent Kilic	
	Disponível em: https://bit.ly/2KcD4yb [Acedido a 05 de dezembro de 2020]	
019	Criança Síria num campo de refugiados.....	49
	Fotografia por: Ahmed Akacha	
	Disponível em: https://bit.ly/39XL2WL [Acedido a 05 de dezembro de 2020]	
020	Réplica do interior de casa Síria.....	51
	Fotografia por: Autor desconhecido	
	Disponível em: https://bit.ly/37O92Js [Acedido a 05 de dezembro de 2020]	
021	Exemplo de construção de construção tradicional Síria.....	51
	Fotografia por: Martina Rubino	
	Disponível em: https://bit.ly/39ZvHFg [Acedido a 05 de dezembro de 2020]	
022	Homem de Vitruvio.....	55
	Desenho por: Leonardo da Vinci	
	Disponível em: https://bit.ly/33VPTUG [Acedido a 05 de dezembro de 2020]	
023	"Kaninchen und Ente" in Fliegende Blätter.....	56
	Desenho por: autor desconhecido	
	Disponível em: https://bit.ly/39ZvK3 [Acedido a 20 de novembro de 2020]	
024	Privação dos sentidos.....	59
	Fotografia por: Vítor Pavão	
	Disponível em: https://bit.ly/2VXntFv [Acedido a 12 de março de 2020]	

Capítulo II

025 Construção e paisagem.....	67
Desenho por: Luís Miguel Viana	
026 Planta de localização.....	68
Desenho por: Luís Miguel Viana	
027 a 032 Pré-existências ‘tipologia 1’	69
Fotografia por: Vítor Hugo Silva	
033 ‘Tipologia 1’ piso 1.....	71
Desenho por: Luís Miguel Viana	
034 ‘Tipologia 1’ piso 2.....	71
Desenho por: Luís Miguel Viana	
035 ‘Tipologia 1’ piso 3.....	71
Desenho por: Luís Miguel Viana	
036 Alçado Nordeste ‘tipologia 1’	72
Desenho por: Luís Miguel Viana	
037 Alçados Sudoeste e Noroeste ‘tipologia 1’.....	72
Desenho por: Luís Miguel Viana	
038 Cortes AA’ e BB’ ‘tipologia 1’.....	73
Desenho por: Luís Miguel Viana	
039 Cortes CC’ e DD’ ‘tipologia 1’.....	73
Desenho por: Luís Miguel Viana	
040 Janela presente na aldeia do Catarredor.....	77
Desenho por: Luís Miguel Viana	

Resumo

A globalização e as diversas transações económicas, sociais e culturais são um facto consumado e atual no panorama universal.

Com base em tais circunstancias, e conjecturando-se a continuação desse fenómeno por vários e longos anos, será imprescindível que a disciplina arquitetónica, na sua particular dimensão vernácula de expressão popular, seja capaz de salvaguardar e implementar princípios e bases (numa dimensão contemporânea) que permitam acolher e proporcionar condições mais favoráveis aos diversos seres humanos provenientes de distintas culturas e também perceber, conhecer e integrar questões como o património - algo comum a todos.

No nosso particular, empregando o aglomerado rural da aldeia do Catarredor como veículo relevante que configure um caso de estudo e objeto de intervenção arquitetónica, esta investigação procura contribuir, seguindo os princípios gerais integrantes da perspectiva enunciada, para que tal realidade previamente expressa se transforme em cultura adquirível.

Deste modo, e numa escala proporcional àquela em que se situa a intervenção (no plano de uma aldeia do xisto tipicamente portuguesa, como é o caso do Catarredor), tenciona-se na investigação conducente à construção desta dissertação propor, num âmbito contemporâneo, uma nova forma de habitar – servindo-nos dos refugiados Sírios como ‘grupo alvo’ – sem nunca se perder o carácter identitário que subjaz a tal aglomerado.

Palavras-chave:

Sentidos. Arquitetura popular. Contemporaneidade. Projeto. Tipologia.

Abstract

Globalization and the several economic, social and cultural transactions are a fait accompli and current fact in the universal panorama.

Based on such circumstances, and conjecturing the continuation of this phenomenon for several long years, it will be essential that the architectural discipline, in its particular vernacular dimension of popular expression, is able to safeguard and implement principles and bases (in a contemporary dimension) that allow to welcome and provide more favorable conditions to several human beings from different cultures and also to perceive, know and integrate issues such as heritage, common to all.

In our particular, using the rural agglomeration of the Catarredor's village as a relevant vehicle that constitutes a case study and object of architectural intervention, this investigation seeks to contribute, following the general principles that are part of the enunciated perspective, so that this previously expressed reality becomes acquirable culture.

This way, and on a scale proportional to that in which the intervention is located (at the level of a typical Portuguese schist village, as is the case of Catarredor's), the research leading to the construction of this dissertation is intended to propose, in a contemporary context of architectural thought, a new way of living – using Syrian refugees as a 'target group' – without ever losing the identity character that underlies such a cluster.

Keywords:

Senses. Popular Architecture. Contemporaneity. Project. Typology

Introdução



Será a arquitetura a causa de todos os males do mundo? Podemos considerar esta pergunta, até pela hiperbolização gerada na formulação do tema, uma não questão; sendo que a resposta óbvia e lógica é, prontamente, “Não!”. Não obstante, e se respeitarmos as devidas escalas e proporções, conseguimos perceber que, de facto, a arquitetura se fundamenta como a base de (quase) tudo. A luz que penetra o nosso quarto de manhã, a disposição dos cômodos que nos permite articular mais facilmente um conjunto de tarefas a realizar, o posicionamento do espelho que nos deixa mais bonitos e confiantes para encarar mais um dia, entre muitas outras circunstâncias, particularidades e detalhes, condicionam ativamente a nossa disposição perante o quotidiano e o modo como estamos no mundo.

Se o projeto de arquitetura tiver a capacidade de influenciar positivamente o nosso dia a dia, podemos concluir que, de facto, e apesar de não ser a causa de todos os males do mundo, a arquitetura desempenha um papel fulcral naquilo que de bom nele acontece.

É segundo este prisma que nos propomos a analisar e discorrer sobre a relação entre a obra arquitetónica e o ser humano, em particular na aldeia do Catarredor e tendo como referência os refugiados provenientes do médio oriente.

A aldeia do Catarredor, apesar de não ser um ‘caso de estudo’ na sua vertente histórica, acarreta, desde tempos remotos, um passado repleto de acontecimentos que caracterizam a vivência dos povos serranos. Entre chegadas e partidas e o atual panorama de desertificação que assola o local, existe por ora a oportunidade de reencetar uma nova história.

São muitos os povos que se veem obrigados a partir dos locais de onde são originários em busca de uma oportunidade de começar uma vida mais digna, longe das mais variadas vicissitudes.

Utilizando os refugiados provenientes do médio oriente como caso paradigmático, a ideia é que a população crie, através das oportunidades e chances que a aldeia propicia, uma nova história para o local. Pretende-se gerar uma simbiose entre a aldeia e a população.

Se por um lado o sítio fornece o espaço necessário para que novos povos se estabeleçam, a mão de obra e a ideia de trabalhar não para uma entidade, mas sim para uma individualidade aliada a um todo, permite a que quer população quer a aldeia do Catarredor cresçam em simultâneo.

Deste modo, a ideia primordial e conducente a esta investigação, é perceber se existe um modo de ‘fazer arquitetura’ que permita que povos oriundos dos locais mais remotos se sintam em casa na aldeia sem que esta perca o seu *genius loci*.

Pretende-se que, através deste exercício de análise e de projeto, sejam demonstradas capacidades analíticas, conceptuais e críticas na resolução da proposta [Provas de habilitação para a obtenção do título de professor agregado do primeiro grupo das disciplinas, in Correia Fernandes, 1980: 68] de arquitetura e ainda explicitar e comunicar [idem] corretamente o processo e métodos seguidos [idem] em termos de abordagem e integração disciplinar, articulando, inteligentemente, sítio, funções, recursos, condicionantes externas, utentes e significados. [idem]

Com o intuito de suprir as dúvidas existentes e de modo a responder às questões impostas pelo tema, numa primeira instância, foram analisados vários documentos com o propósito de se estabelecer um primeiro contacto com o local de intervenção, seguido da execução de duas maquetas que permitissem ter uma melhor perceção da morfologia e característica do terreno. Numa segunda instância foi realizada uma visita à aldeia do Catarredor para que, de uma forma mais direta, fossem realizados estudos mais precisos e detalhados, como por exemplo, levantamento do suporte físico e natural e, também, fotográfico. Esta visita permitiu, ainda, estabelecer contacto com a população, elemento fundamental para a execução de uma proposta de intervenção.

Foi levada a cabo uma pesquisa exaustiva de material documental (livros, teses, revistas, imagens e plantas) com o propósito de aprofundar o nível de conhecimento sobre temas como a globalização, lugares e não lugares, *genius loci*, os refugiados do médio oriente e os sentidos, bem como a sua aplicabilidade no projeto propriamente dito, para que seja possível executar a melhor proposta concebível.

Após a fase mais analítica, deu-se início ao processo mais criativo e de resolução de problemas, culminando numa proposta projetual.

Esta dissertação, estruturalmente, é composta por dois capítulos distintos, sendo um de carácter mais teórico e outro de carácter mais prático.

O primeiro capítulo o mundo em expressão na aldeia explana, do ponto de vista teórico, o mundo na contemporaneidade e quais as suas influências, em particular, na aldeia do Catarredor, abordando ainda questões como o conceito de *genius loci* e sua caracterização no Catarredor, as motivações para a escolha dos refugiados do médio oriente

como 'caso de estudo', bem como uma contextualização social e política tendo a Síria como referência, tradições e costumes e análise arquitetônica do local e, por último, mas não menos importante os sentidos personificados na obra arquitetônica.

Por sua vez, o segundo capítulo, de teor mais prático, aborda o conceito e a ideia que dá forma ao projeto, o programa, a descrição da solução obtida e os sentidos materializados na tipologia, que sustentam o desenho e as opções arquitetônicas.

I. O mundo em expressão na aldeia



1. Globalização – o ‘pós-moderno’ global

O ser humano - assim como o mundo - é mutável. Em virtude das experiências, dos estímulos, da rapidez e velocidade de informação, próprios dos dias que vivemos hoje, de um modo subconsciente, vamos alterando e moldando aquilo - e quem - somos. Cremos em tempos de evolução, vemos na celeridade de processos e no decréscimo de distâncias – ora físicas ora virtuais –, tão próprias do presente, um caminho para o futuro. Todavia, por conta da globalização, que acarreta consigo as mais variadas transformações no mundo, fazer uma análise daquilo que são os nossos tempos, bem como os vindouros, não é um exercício, de todo, fácil.

A globalização, caracterizada por um conjunto de processos das mais variadas índoles - como por exemplo política, económica, cultural e social – que transpõem os limites nacionais e operando numa escala global, aproxima e agrega entidades e povos em novas combinações espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. [Hall, 2006: 67 apud McGrew, 1992]

Embora vista como um dado adquirido dos dias de hoje, é no séc. XV, por intermédio do Mercantilismo¹, que a globalização, bem como os primeiros indícios de um mundo mais conectado, onde as barreiras territoriais vão perdendo alguma da sua preponderância, eclode. Os tempos eram de mudança, e o progresso, mesmo que de um modo paulatino, era uma constante. A criação de novas rotas, caminhos e vias, bem como a reforma realizada nas comunicações existentes, permite e espolia a vicinalidade entre povos. Os meios de comunicação físicos viabilizam o contacto mais humano, não obstante, os meios de comunicação digitais relativizam as distâncias, deixando-nos mais próximos enquanto sociedade.

¹ Conjunto de práticas comerciais, que se dá com o início da idade moderna, onde ocorre uma complexificação do sistema económico com a intervenção dos estados.



003| Mundo global, 2020



004| Multiculturalismo, 2017

A afirmação dos meios de comunicação como, por exemplo, rádio, telefone, televisão, cinema e imprensa, na primeira metade do séc. XX, adjuvou gradativamente a prosperidade tecnológica, base do acelerado ritmo evolutivo das sociedades contemporâneas [Pinheiro, 2018: 175] suscitando que o alcance e ritmo da integração global aumentassem consideravelmente nos anos 70. [Hall, 2006: 68-69] Conquanto, os fundamentos da microeletrônica e da rede mundial de comunicações, congêneres aos que McLuhan idealizou, que tinham, na teoria, o pressuposto de levar conhecimento, progresso, bem-estar e democracia a todos, na prática revelam-se uma utopia, servindo maioritariamente quem detém o poder económico e, conseqüentemente, tecnológico. [Neves, 2002: 7]

Os fluxos de forma massiva alicerçados no turismo em ascensão, em motivações laborais ou na busca por melhor qualidade de vida, instauraram novos paradigmas globais em múltiplas comunidades. [Pinheiro, 2018: 177]

A face económica da globalização assume aquela que é sua maior quota parte, pelo que as questões financeiras possuem um peso determinante e delegam, mesmo que erroneamente, para segundo plano, questões relacionadas com a sensibilidade e o contexto local e nacional. [Pinheiro, 2018: 176]

Assim, as possibilidades criadas pelas novas tecnologias de comunicação, os movimentos migratórios e a crescente influência do capital especulativo, - que se baseiam no estudo antropológico de Arjun Appadurai - são os três fenómenos que, Montaner, considera mais relevantes sobre as cidades e a arquitetura no início do século XXI. [Pinheiro, 2018: 175 apud Montaner, 2011: 79-82]

Ainda que, na teoria, o hiato temporal compreendido entre 1995 e 2020 seja considerável, na prática, alguns acontecimentos não se encontram tão distantes da contemporaneidade. Segundo Brunetti, no artigo Globalização: Tensões e Limites, a nova ordem - que despontava em 1992 - era concomitantemente global e fragmentada, isto é, nela coexistiam quer movimentos globais quer graduais fraturas entre inúmeros grupos sociais, [Brunetti, 1995: 42 apud Sagasti & Arévalo, 1992] que ocorrem, ainda, à luz dos dias de hoje. Emergem, deste modo, duas visões distintas, a tendência à globalização e a tendência à autonomia nacional. [Wallerstein, 1991: 98] Se, por um lado, o multiculturalismo e o apoio à globalização são cada vez mais uma constante, por outro, e face ao crescimento de movimentos ‘pró-globalização’, elevam-se novos grupos de apoio e visão nacionalista, originando conflitos e choques culturais. [Pinheiro, 2018]

Em virtude da díade globalização - autonomia nacional, existem três possíveis consequências quanto às identidades culturais:

- as identidades nacionais estão a dissolver-se, como seguimento do crescimento da homogeneização cultural e do ‘pós-moderno’ global.

- as identidades nacionais e outras identidades locais ou particularistas estão a ser fortificadas pela objeção à globalização.

- as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão a apoderar-se do seu lugar. [Hall, 2006: 69]

O conceito de globalização está, de um modo geral, maioritariamente associado a questões políticas e financeiras, porém, são profusas as esferas onde esta atua e nas quais tem uma influência direta, sendo que, por sua vez, a denominação ‘pós-moderno’ surge quando abordadas questões sociais e culturais. Pode assim concluir-se que o pós-moderno é a face sociocultural da globalização. [Gonçalves, 2002: 31]

Também a arquitetura sofreu transformações por ação da globalização. O movimento moderno apresentou indícios e valores de uma cultura homogeneizadora a nível global, no entanto, e a partir da década de 1960, emergiu um conjunto de práticas arquitetónicas – prevalentemente transnacionais – preconizadas até hoje. Nessa perspetiva, não existe somente um procedimento específico, mas sim um conjunto de visões dispareas que coabitam. [Pinheiro, 2018: 179] Sem embargo, e a despeito da diversificação de prismas alusivos às práticas arquitetónicas, em momento algum a preponderância das questões económicas deverá sobrepor-se à preservação cultural, sustentabilidade ecológica e/ou condições sociais. [Pinheiro, 2018: 176]

Mais do que a busca pela aprovação estética, o ato de projetar deverá dar primazia ao contexto social, cultural e político, com o intuito de elevar a qualidade de vida da população. [Chaves, 2002] A povoação, não pode ser analisada sob a sua dimensão unicamente física, ou seja, a implantação do habitat não é um aspeto isolado, está profundamente ligado à própria estrutura social, cultural e económica da comunidade que o habita. [Freitas, 2002: 73]

Cada projeto é uno. Por mais que existam linhas de pensamento e princípios transversais a qualquer proposta, jamais uma solução projetual poderá ser replicada indiscriminadamente, dado que cada local é suis generis, apresentando as suas próprias condicionantes e restrições. A atividade de gestão e coordenação de projetos sob influência

do ‘pós-moderno’ global, tem permitido que sejam aplicados modelos de execução que funcionam como fórmulas ou ‘receitas’ em todo o mundo, porém, deverá ser adotada uma metodologia específica para cada projeto, no intuito de garantir a obtenção dos objetivos e dos melhores resultados no projeto a implementar, consequências de um maior domínio da situação e do grau de racionalidade das medidas adotadas. [Freitas, 2002: 73]

Se, por outro lado, - e aquando a preeminência da imagem sobre o todo - o projeto ignora a conjuntura, cenário e/ou enquadramento em que se insere, arriscar-se-á a espoletar questões de carácter identitário no local onde se estabelece e, aí, entramos no âmbito dos ‘lugares’ e ‘não lugares’.

Um ‘lugar’ define-se como sendo específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais as nossas identidades estão estreitamente ligadas. [Hall, 2006: 72 apud Giddens, 1990]

Por consequência, a ideia de ‘não lugar’ - conforme a conceção de Augé - apresenta-se em oposição à casa, à habitação, ao ambiente singularizado. É, por intermédio de espaços públicos que primam pela fugacidade como, por exemplo, aeroportos, estações de comboio e metro, ou através dos meios de transporte coletivos, e até mesmo pelos hipermercados e cadeias de hotéis que possuem um tipo de serviço e atendimento padronizado em qualquer parte do globo, que os ‘não lugares’ são caracterizados. Augé refere, ainda, que – e de modo a corroborar com a ideia inicial - *certos ‘lugares’ só existem pelas palavras que os evocam, ‘não lugares’ nesse sentido ou, antes, lugares imaginários, utopias banais, clichês*. [Barbosa, 2006: 203 apud Augé, 1994]

Não obstante, se estipularmos o ‘não lugar’ não através de ideias genéricas e pré-concebidas, mas antes através do olhar singular que o toma como objeto, podemos admitir *que o ‘não lugar’ de uns (por exemplo, os passageiros em trânsito num aeroporto) seja o ‘lugar’ de outros (por exemplo, os que trabalham nesse aeroporto)*. [T. Sá, 2014: 213 apud Augé, 2006: 116]

Os conceitos de ‘lugar’ e ‘espaço’ foram-se consubstanciando de um modo empirista. Na antiguidade ‘lugar’ e ‘espaço’ assumiam as mesmas características e a dificuldade em dissociar as duas definições era grande. Porém, a evolução dos tempos e a capacidade de cruzar limites por parte do ser humano, permitiu que o ‘espaço’ adquirisse novas conceções.



005| Torre Eiffel em Paris, 2018



006| Torre Eiffel em Las Vegas, 2015

O ‘lugar’ permanece fixo, imóvel, é nele que temos raízes, todavia, o ‘espaço’, pode ser transposto num ápice – por um avião a jato, por um e-mail, por um satélite. Segundo Harvey, este fenómeno denomina-se destruição do espaço através do tempo. [Hall, 2006: 72-73 apud Harvey, 1989: 205]

Nas sociedades pré-modernas, o espaço e o lugar eram amplamente coincidentes, uma vez que as dimensões espaciais da vida social eram, para a maioria da população, dominadas pela presença – por uma atividade *localizada*... A modernidade separa, cada vez mais, o espaço do lugar, ao reforçar relações entre *outros que estão “ausentes”, distantes (em termos de local), de qualquer interação face-a-face. Nas condições da modernidade..., os locais são inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastante distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente aquilo que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam a sua natureza.* [Hall, 2006: 72 apud Giddens, 1990: 18]

Também Augé, no livro *A sense for the other: the timeliness and relevance of anthropology*, analisa não só a modificação epistemológica do conceito de ‘espaço’ bem como as suas transformações no quotidiano e na relação com a sociedade, defendendo que na atual construção e vivência dos espaços - que privilegia a aceleração do tempo e a virtualização do próprio espaço - parece, cada vez mais, que emerge a transformação de nós mesmo em ‘outros’, processo que vamos realizando progressivamente mas do qual não nos apercebemos. Todos nós temos a impressão de estarmos a ser colonizados, mas sem que saibamos ao certo por quem. [T. Sá, 2014: 209 apud Augé, 1998: 7]

A colonização social, associada à passagem da ‘sociedade de produtores’ para a ‘sociedade de consumidores’, conceitos abordados por Zygmunt Bauman no livro *vida para consumo*, padronizam o *modus vivendi* do ser humano. A oferta de produtos e serviços alicerçada em estratégias de marketing - onde o logo e os estímulos visuais são determinantes – apresenta-se de modo a que o recetor acredite que carece de uma determinada viagem, estilo ou produto para suprir as suas necessidades.

Os ‘não lugares’ permitem que, num único espaço, decorra uma vasta circulação de pessoas e imagens, promovendo o mundo como um espetáculo com o qual mantemos ligações a partir das iconografias. Este conjunto de circunstâncias e acontecimentos

transforma-nos em espetadores de um lugar deveras codificado, do qual ninguém faz verdadeiramente parte. [T. Sá, 2014: 211] A sociedade de consumo propicia que ícones de todo o mundo sejam copiados indiscriminadamente. A indústria do lazer e do entretenimento – um dos setores mais lucrativos de sociedade pós-moderna - tem procurado clonar nomes e características dos mais distantes locais do mundo desde que estes sejam famosos. [Barbosa, 2006: 203]

Também a arquitetura tem sofrido mutações nesse sentido. Edifícios e construções emblemáticas tem vindo a ser replicadas pelo mundo.

A idade da incerteza legitima o facto físico da globalização – o Mundo Aristotélico é agora o globo – e a arquitetura, como face visível do ato maior de habitar, corre o risco de ser assumida publicamente como fabricadora de imagens de expressividade e de gestualismos preponderantes, reduzindo-se à inocência do consumo da sociedade do Espetáculo. [Chaves, 2002: 56]

Uma das questões mais pertinentes da arquitetura contemporânea é a ideia de uma crescente e progressiva uniformização. Uniformização de tecnologia de materiais, de metodologias de projeto, de técnicas de construção. A transferência meteórica e global de imagens, de materiais, de know-how, tem uma incidência crescente na relação da arquitetura com a sociedade e com o meio ambiente. [Neves, 2002: 8]

Não obstante, e apesar da disseminação do mundo global, da possível homogeneização cultural, da emergência dos ‘não lugares’ e da supremacia das imagens, alguns locais vão sofrendo alterações naturais como consequência do passar dos tempos e não em função do ‘pós-moderno’ global. São, na sua maioria, ‘lugares’ nesse sentido, pois neles existem histórias, existem raízes, existe a sensação de pertença por parte de alguém.

Também em Portugal, por intermédio, por exemplo, das aldeias serranas - e no nosso caso prático da aldeia do Catarredor – é possível vislumbrar prenúncios, sinais, vestígios, das marcas temporais e da proeminência da natureza em relação à exiguidade de cânones importados. Porém, e de um modo geral, devido às suas localizações que se manifestam como um entrave no quotidiano da população, estes lugares poderão encontrar-se em subdesenvolvimento e atraso no que concerne àquilo que são as condições básicas de vida do presente século.



007| Inserção da aldeia do Catarredor na serra da Lousã, 2019

A aldeia do Catarredor, alvo de um processo migratório denominado êxodo rural², testemunha a evasão das suas gentes em novas direções culminar, anos mais tarde, na desertificação quase total da aldeia.

A ausência de população e abundância de construções, bem como a localização remota, fez com que pessoas de outras culturas e provenientes de locais diversos - que, em muitos dos casos, se sentiam indignados, exacerbados e revoltados com a vida e o mundo – encontrassem na aldeia a sua casa, o seu canto, o seu refúgio.

Os intervenientes foram-se alterando, mas a protagonista – a aldeia do Catarredor - permanecia imóvel, serena, enigmática à espera daqueles que nela procurassem uma nova vida, ansiosa por contar as suas crónicas de outros tempos através das construções, ambientes e atmosferas.

Naquele local o ‘espaço’ e o ‘lugar’ são praticamente sincrónicos. Não existem monumentos ou símbolos importados, existe espaço para o mundo, mas não para o mundo alicerçado na sociedade do espetáculo. A aldeia do Catarredor é simples, modesta, austera, despojada de floreios e gestualismos.

² O êxodo rural consiste na migração de pessoas do meio rural, em busca de melhores oportunidades e condições de vida, geralmente, para os centros urbanos.

Em suma, também a globalização por ali se faz sentir, fruto da chegada de novos povos oriundos de múltiplas regiões, que por intermédio das diferentes culturas vão fazendo com que a aldeia se desenvolva, mesmo que lentamente, na contemporaneidade. Contudo, a aldeia poderá ser considerada um ‘lugar’, pois as histórias e as memórias de um local único, peculiar, com um carácter muito próprio, permanecerão na mente daqueles que por lá se estabeleceram ou passaram.

Verificamos, deste modo, a importância da simbiose entre o ‘lugar’ concreto, familiar, com um carácter ímpar e a normal evolução consequente da globalização. Os ‘lugares’ são fundamentais nas histórias de vida e percurso de cada um, na maior parte dos casos, é através deles que nos desenvolvemos enquanto seres, todavia, o progresso é uma primordialidade para que os residentes possuam um modo de vida condizente com a atualidade, mesmo que em algumas conjunções, implique o surgimentos de novas identidades – híbridas – em prol do desenvolvimento.



008| Panorama geral da aldeia do Catarredor, 2019

2. *Genius loci* – o caráter da aldeia do Catarredor

O ‘pós-moderno’ global, em virtude da importação, replicação e aplicação de modelos standardizados, triviais e neutros, espoletou uma dinâmica de cariz impessoal na construção e vivência de – alguns – espaços e momentos.

A contemporaneidade que prima pela fugacidade, efemeridade e temporalidade, aliada à conceção genérica dos espaços, propicia a dispersão mental para partes do globo que nos são mais apelativas. A nossa mente vagueia pelos mais diversos locais do mundo, permitindo que estejamos em vários espaços em simultâneo.

São os vínculos aos ‘lugares’ que nos permitem conhecer o nosso âmago. Assim que as dúvidas surgem, procuramos naquilo que nos é familiar o conforto e respostas para as nossas questões. As nossas memórias estão sempre aglutinadas a algum ‘lugar’, pelo que, ‘lugar’, será sempre mais do que uma localização. Cada ‘lugar’ apresenta a sua própria dinâmica e caráter, por mais semelhanças que possam ocorrer, não existem dois ‘lugares’ iguais.

Na sua maioria, o turismo moderno em ascensão assevera o interesse e procura, por parte do ser humano, pela experiência de diferentes ‘lugares’. Essa experiência prima pela vivência e contato com o caráter singular, próprio e característico do ‘lugar’. Quando visitamos uma cidade estrangeira, geralmente o que nos impressiona é o seu caráter peculiar, que é parte importante da experiência. [Norberg-Schulz, in Nesbitt, 2008: 451] Para vivenciarmos essa experiência é necessário – mais do que estar em determinado local – habitar o ‘lugar’, só assim é possível estabelecer relações entre este e o ser humano.

Cada ‘lugar’ evidencia um conjunto próprio de fenómenos que poderão verificar-se ora singularmente ora em simultâneo.

Através da fenomenologia é possível conhecer de um modo consciente cada um dos fenómenos passíveis de ocorrerem em cada ‘lugar’. *A fenomenologia (...) é entendida por Norberg-Schulz como um ‘método’ que exige um ‘retorno às coisas’, em oposição às abstrações e construções mentais.* [Nesbitt, 2008: 443] Christian Norberg-Schulz reconhece a fenomenologia, no âmbito arquitetónico, como a capacidade de dar significado ao ambiente mediante a criação de lugares específicos. [Nesbitt, 2008: 443]



009| Dispersão mental, 2019



010| Essência do lugar, 2018

O nosso quotidiano está repleto de fenómenos concretos. Não obstante, e se por um lado, é composto por pessoas, animais e árvores, por terra, madeira e água, por cidades, ruas e casas, por portas, janelas e mobílias, mas também consiste no sol, na lua e nas estrelas, na passagem das nuvens, da noite e do dia, e na mudança das estações, por outro, também compreende fenómenos menos tangíveis como os sentimentos. [Norberg-Schulz, in Nesbitt, 2008: 454]

Apesar do lado mais palpável, objetivo e concreto da fenomenologia e dos próprios fenómenos que constituem o ‘lugar’, é por intermédio da relação entre o ser humano e o meio envolvente que se percebe o ‘espírito do lugar’.

A procura pelo entendimento do ‘espírito do lugar’ remonta a tempos antigos. No passado, a sobrevivência humana dependia da boa relação entre o Homem e o ‘lugar’, tanto no sentido físico como psíquico. A interpretação do *genius* do local era fulcral para, por exemplo, a implantação estratégica de habitações, zonas de cultivo e até mesmo defesas de possíveis investidas. [Norberg-Schulz, in Nesbitt, 2008: 454-455]

O conceito de *genius loci* nasce em Roma. Os Romanos acreditavam que todo ser *‘independente’* possuía um *‘genius’*, um *‘espírito guardião’*. *Esse espírito dá vida às pessoas e aos lugares, acompanha-os do nascimento à morte, e determina o seu carácter ou essência.* [Norberg-Schulz, in Nesbitt, 2008: 454]

A estrutura de um ‘lugar’ não tem de ser obrigatoriamente fixa, inalterável, eterna, pode, inclusive, mudar rapidamente, todavia, a alteração da estrutura não significa necessariamente que o *genius loci* mude ou se extravie. [Norberg-Schulz, in Nesbitt, 2008: 454] Podemos, em certa medida, afirmar que o ‘carácter do lugar’ é uma função do tempo, isto é, muda com as estações, com o dia e a noite, com as situações meteorológicas. [Norberg-Schulz, in Nesbitt, 2008: 451]

O *genius loci* é determinado por como as coisas são, pela constituição material e formal do ‘lugar’, por uma totalidade composta pelas coisas concretas que possuem substância material, forma, textura e cor, pelos fenómenos do quotidiano. Aquando a análise do ‘espírito do lugar’, devemos questionar, por exemplo, como e quais são as tradições e costumes do ‘lugar’, como são as fronteiras que o definem, como é o solo que pisamos, como é o céu sobre as nossas cabeças, como são as construções, as janelas, as portas. [Norberg-Schulz, in Nesbitt, 2008]



011| Espírito do lugar, 2017

O caráter é definido por uma completude complexa e um adjetivo sozinho não pode dar conta de mais de um aspeto dessa totalidade. Muitas vezes, porém, o caráter é tão nítido que uma só palavra é suficiente para captar a sua essência. [Norberg-Schulz in Nesbitt, 2008: 452]

Assim, somente se tivermos em conta as premissas supramencionadas, é que nos é possível *compreender de modo cabal o genius loci, isto é, o 'espírito do lugar' que os antigos reconheciam como aquele 'outro' que os homens precisam aceitar para serem capazes de habitar*. [Norberg-Schulz, in Nesbitt, 2008: 449]

Como nos é perceptível até ao momento, o conceito de genius loci é referente ao 'espírito do lugar', à 'essência do lugar', ao 'caráter do lugar'. Esta definição acarreta consigo duas vertentes distintas, uma mais científica e outra mais 'poética'.

A ciência parte daquilo que é o dado, o concreto, o definido, todavia, e como para o entendimento total daquilo que é a 'essência do lugar' é necessário recorrer ao conhecimento cognitivo e sentimentos do ser humano, a 'poesia' capta o abstrato e menos tangível. [Norberg-Schulz, in Nesbitt, 2008] Partindo destes dois métodos de análise do lugar é possível compreender a atmosfera geral, a forma concreta e a substância dos elementos de definição espacial. [Pires, 2008: 117]

Também a aldeia do Catarredor, mesmo após a sua quase total desertificação, onde a atual população residente não é, na maioria dos casos, originária da aldeia, apresenta um caráter muito próprio.

Neste sentido, e como algumas tradições e costumes foram perdendo significado e preponderância, o genius loci da aldeia é agora, maioritariamente, caracterizado pela implantação estratégica na Serra da Lousã, pela fauna e flora, pelo clima, pela história, pela composição e inserção do aglomerado construído e pela arquitetura.

O Genuis Loci demonstrou, em muitos casos, ser bastante forte para predominar acima dos ciclos das mudanças políticas, sociais e culturais. Tal resulta, por exemplo, para cidades como Roma, Istambul, Paris, Praga e Moscovo. *Certamente, a 'verdadeira grande cidade' caracteriza-se por um Genius Loci especialmente pronunciado*. [Pires, 2008:118 apud Norberg-Schulz, 1980: 33]



012| Essência da aldeia do Catarredor, 2019

O município da Lousã possui, através da sua constituição, dois momentos distintos.

Num primeiro momento, aquando a chegada à cidade, deparamo-nos com um cenário mais urbano, mais citadino. É nesta zona do município que se encontram os serviços, a azáfama e agitação próprias de uma cidade.

Já num segundo plano, e numa parte mais periférica e afastada do centro urbano, surge a serra da Lousã. É possível vislumbrar, ao longo da serra, uma vida de estilo mais rural, mais bucólico, mais rústico.

A aldeia do Catarredor, parte integrante da serra da Lousã, é um caso paradigmático do que as aldeias serranas foram, são e podem vir a ser.

O Catarredor, que compreende uma área delimitada de, aproximadamente, 118 ha e um território edificado de 5.1 ha, vê, nos lugares onde a pendente se manifestava menos acentuada, implantados os primeiros abrigos pastoris e atividades agrícolas que, durante décadas estiveram bem patentes no local. Aquilo que hoje denominamos de aldeia do Catarredor, outrora, foram terras baldias, utilizadas como zona de pastoreio e fonte de madeira e castanhas, elementos indispensáveis à vivência daqueles povos ainda primitivos.

A serra da Lousã, antigamente opulenta em terrenos baldios, nos anos cinquenta, padece de um processo de florestação levado a cabo pelas entidades políticas, nomeadamente, Camara Municipal da Lousã e os serviços florestais, com o objetivo de melhorar os ecossistemas através da constituição de zonas arborizadas com espécies bem-adaptadas às condições locais. Não obstante, o processo de florestação, dizima, parcialmente, os terrenos que serviam como espaço de cultivo e de fonte de rendimento para a população residente da aldeia do Catarredor.

Possuidora de uma vasta diversidade e riqueza no que à fauna e à flora dizem respeito, a serra da Lousã, insere-se na Rede Natura, uma rede europeia de sítios protegidos que assegura a biodiversidade, conservando e restabelecendo habitats naturais, plantas e animais selvagens de forma a manter as características típicas dos locais [Município da Lousã, n.d] e Reserva Ecológica Nacional, uma estrutura biofísica básica e diversificada que, através do condicionamento à utilização de áreas com características ecológicas específicas, garante a proteção de ecossistemas e a permanência e intensificação dos processos biológicos indispensáveis ao enquadramento equilibrado das atividades humanas. [Município da Lousã, n.d]



013| Representação da fauna na aldeia do Catarredor, 2019

No que à fauna diz respeito, a aldeia do Catarredor, pode dividir-se em quatro grandes classes, tais como, aves, mamíferos, anfíbios e reptéis. No grupo das aves, como espécies ilustrativas, é possível observar corujas, mochos e peneireiros-de-dorso-malhado. Por sua vez, os mamíferos, quanto ao seu porte, podem ser divididos em dois grupos, pelo que, neste sentido temos javali, corso, veado na categoria de mamíferos de grande porte e, de pequeno porte, havemos doninha, raposa, coelho, lebre. No que lhe concerne, o trintão é a espécie mais representativa da classe dos anfíbios no local. Por seu turno, os reptéis, uma classe indispensável ao ecossistema existente, estão patentes na aldeia sob a forma de cobras-bastardas, sardaniscas, osgas. [Município da Lousã, n.d]

Já a flora segmenta-se em duas ordens, a vegetação autóctone e a vegetação introduzida pelo Homem. A vegetação autóctone manifesta-se por intermédio do carvalho português, sobreiro, plantas odoríferas. O pinheiro bravo, pinheiro silvestre e pinheiro negro, oliveiras e folhosas diversas, são as espécies correspondentes à vegetação introduzida pelo Homem. [Município da Lousã, n.d]

A aldeia do Catarredor - bem como a maioria das aldeias que na serra da Lousã se inserem - paradigma das atuais condições meteorológicas que se fazem sentir na maioria dos distritos de Portugal, praticamente só são passíveis de se contemplar duas estações do ano, no caso, Verão e Inverno. Em virtude das mudanças climáticas que tem surgido nos últimos anos quer primavera quer outono perdem espaço e preponderância no quotidiano do ser humano.

As temperaturas variam de 3°C a 30°C e, muito raramente, são inferiores a -2°C ou superiores a 36°C. [Weather Spark, n.d]

O verão é curto, morno, seco e de céu, maioritariamente, sem nuvens.

O inverno é longo, fresco, com precipitação e de céu parcialmente encoberto, é nesta estação que é possível estabelecer uma maior ligação entre o clima da aldeia e o 'espírito do lugar'. O inverno rigoroso que assola a serra da Lousã, tem influência direta no carácter dos povos serranos. As temperaturas frias, o elevado grau de precipitação, o vento e nebulosidade constante, condicionam a vivência da população, tornando mais difícil a conexão entre os cidadãos. Os habitantes, em virtude das condições meteorológicas rigorosas, tendem a isolar-se no recanto do seu lar durante a maioria dos meses do ano.



014| Exemplo de Carvalho presente na aldeia do Catarredor, 2019



015| Exemplo de Oliveira presente na aldeia do Catarredor, 2019

A história da aldeia e o local onde se implanta estão, desde sempre, ligadas. Outrora, em virtude dos difíceis acessos e conseqüente isolamento, escassas oportunidades de trabalho e poucas perspectivas de desenvolvimento, começa a ser montado, na aldeia do Catarredor, um sistema agro-pastoril que durante largos e longos anos foi o meio de subsistência daquelas gentes. Dedicavam-se, sobretudo, ao cultivo de milho, centeio, couve, feijão e batata, geralmente num tabuleiro presente na parte de trás das casas e à criação e venda de gado. Estas atividades, não só eram a sua única fonte de rendimento, como também serviam as necessidades de consumo próprio daquela população.

Deste modo, estamos perante um sistema de produção escassa, em que a entreejuda era fundamental para o desenvolvimento e a obtenção de algum rendimento. As relações entre povos não eram propriamente de confraternização ou amizade. Fora da família, as relações limitavam-se muito a questões económicas e produtivas, que contribuíssem para a estabilidade e sobrevivência dos membros envolvidos.

A escassez de oportunidades e fragilidade dos sistemas financeiros levava a que as famílias não progredissem social, cultural e economicamente. Com as condições climatéricas desfavoráveis, marginalização geográfica, falta de oportunidades e conseqüente isolamento, os povos serranos apresentam um carácter rígido, fechado e sisudo que em tudo se assemelha às atividades por lá praticadas, demonstrando uma maior preocupação em sobreviver em detrimento de viver.

No início do século XX, os terrenos baldios ficam sob posse das entidades políticas que operam uma ressurreição florestal, reduzindo o número de terrenos passíveis de cultivo. No entanto, o mau planeamento, leva ao crescente abandono da população serrana.

Apesar de afetar praticamente a maioria dos países, o êxodo rural tende a estar mais patente nos locais onde as diferenças de condição de vida entre campo e cidade são maiores. Ou seja, ele tende a ocorrer em situação de baixa qualidade de vida no campo.

Nos anos 60, a população é manifestamente escassa e envelhecida e, nos anos 80, é perceptível o abandono parcial e degradação da aldeia. Por esta altura, a população emigrada regressava esporadicamente ao seu lugar de origem, nos tempos das respetivas festas, e ali permaneciam durante alguns dias a recordar os tempos passados.

Atualmente, a aldeia encontra-se parcialmente desocupada, sendo que a maioria dos residentes não é originário de lá, servindo apenas como referência histórica, para o olhar comum algo misteriosa, do que ali se passou. As memórias, os contos, as lendas, permanecem intactas e vislumbra-se em cada canto, por cada caminho, rua, trilho e construções que compõe a aldeia.

Não obstante ao facto do Catarredor não fazer parte, existem várias aldeias presentes na serra da Lousã que se enquadram e figuram da rede de aldeias de xisto, projeto que visa a promoção turística desta zona, em conjunto com a preservação do património arquitetónico e paisagístico e a dinamização das atividades tradicionais e dos produtos típicos das aldeias que integram a rede. [Aldeias do xisto, n.d]

Através da implantação dos edifícios, são perceptíveis traços de uma cultura castreja. As habitações não surgem a partir de um núcleo central, bem pelo contrário, vão surgindo desordenadamente, sem qualquer tipo de plano, apenas segundo uma disposição de necessidades ligadas ao solo com vista ao cultivo, exposição solar e morfologia do terreno. Só, posteriormente, é formado um núcleo de habitações no local da aldeia onde o declive é menos acentuado e – apesar da má qualidade dos percursos conectores que se reflete nos caminhos estreitos e irregulares que possibilitam, mas não de um modo cómodo, as comunicações desde o ponto de chegada á aldeia até cada uma das habitações – os acessos eram melhores, quando comparados com os restantes.

As habitações variam de um a três pisos e apresentam uma disposição retangular da planta, embora não muito regular. As famílias habitam geralmente uma sala comum - de onde se destaca a presença da lareira pela sua preponderância no quotidiano daqueles povos - e nas alcovas, geralmente de dimensões bastantes reduzidas. As varandas alpendradas fazem parte deste modo pouco elaborado, mas ao mesmo tempo bastante engenhoso de se construir. No rés-do-chão observam-se ainda pequenos pátios que prolongam o espaço para as estrumeiras, criação de gado, forno, palheiro, bem como outros elementos utilizados para a subsistência da família.

Os edifícios são maioritariamente construídos à base de xisto e madeira, materiais provenientes do local, e refletem as condições sociais e económicas que por ali se faziam sentir culminando em edifícios austeros, sóbrios, sem subtilezas.

Os sistemas e métodos construtivos das habitações presentes na aldeia são, manifestamente, rudimentares. As paredes estruturais são compostas por xisto e argamassa de barro (feita à base de terra e água). A pedra xistosa é de difícil extração e na maioria das vezes, vai partindo em blocos de menor dimensão. Atendendo à curta extensão e elevado peso da pedra de xisto, padieiras, portas e janelas são construídas em madeira de modo a suprir a necessidade correspondente a cada vão. Nas lajes de piso, a madeira também assume algum destaque surgindo nas vigas e barrotes que funcionam como estrutura para que, posteriormente, seja feito o assentamento de soalho. Bem como na cobertura, onde, mais

uma vez, a parte estrutural (vigas e barrotes) eram em madeira e, em alguns casos, era colocado um forro por cima das vigas sendo que, não obstante, eram colocadas ripas (de madeira) para, em seguida, se assentarem as telhas.

Em síntese, assim como acontece com o ser humano, é a partir do seu ‘espírito’, ‘caráter’, ‘essência’ que nos identificamos com determinados ‘lugares’. Cada ‘lugar’ possui o próprio *genius loci* que, segundo a antiga noção romana, estabelece um elo com o sagrado e cria um ‘outro’, ou um oposto, com o qual a humanidade se deve defrontar a fim de habitar. [Nesbitt, 2008: 443]

Este conceito – *genius loci* – pode, muitas das vezes, ser interpretado como ambíguo. O ‘espírito do lugar’ só é devidamente apreendido a partir do perfeito equilíbrio entre a ciência, o concreto, o definido e a poesia, o menos tangível, os sentimentos, é o todo, mas um todo constituído de inúmeras partes, é o familiar e o desconhecido, é o incorpóreo e o material, é o visível e o invisível.

O *genius loci* da aldeia do Catarredor é, na totalidade, símil ao caráter típico dos povos serranos, sendo facilmente confundível. O semblante pesado, cinéreo, desabrido em consequência da marginalização dos povos serranos, da localização remota em que aldeia se implanta, dos acessos ímprobos, do clima peculiar, onde o cinzento da neblina é uma constante, da falta de condições e degradação das construções contrasta com a beleza natural e paisagística, com a associação do construído e do orgânico, com as incomensuráveis oportunidades presentes na aldeia, com o desígnio de um futuro auspicioso do qual o Catarredor é benemerente.

A compreensão do genius loci (...) permite-nos reconhecer a realidade concreta a enfrentar e, através da arquitetura, cumprir a sua principal tarefa de criar condições ideais para habitar através da fundação de lugares significativos, [Pires, 2008: 117] não obstante, por mais descrito que o ‘espírito do lugar’ possa ser, só através do contacto com o local e descoberta dos pequenos pormenores, peculiaridades e características in loco é que será devidamente entendido, captado, compreendido.



016| Habitação 'tipo' na aldeia do Catarredor, 2019



017| Exemplo de ruínas na aldeia do Catarredor, 2019

3. Refugiados – ‘grupo alvo’

Interessa, antes de mais, distinguir um imigrante de foro económico de um refugiado, já que muitas vezes ambos são descritos similarmente, apesar de não corresponderem ao mesmo caso. Enquanto o primeiro tenta fingir a pobreza, saindo do seu país em busca de melhores condições de vida, o segundo, por outro lado, tenta somente fugir à morte e à perseguição; enquanto o primeiro pode preparar com algum tempo a respetiva partida e tendo já uma referência familiar ou de outra índole para quem se dirigir, o segundo, por outro lado, não sabe, muitas vezes, para onde vai, nem tem tempo de preparar a viagem, acabando, não raras vezes, por encontrar populações hostis, despojado de recursos materiais e financeiros, acatando-se como um exilado que terá de voltar a aprender a viver separado do seu ambiente *familiar, de amigos e de redes sociais estabelecidas (...)* A saída do seu próprio país e a necessidade de procurar refúgio noutra lugar, implica que não tem outra alternativa. Para alguns tornar-se refugiado representa o último ato de um longo período de incerteza, que surge só depois de terem falhado todas as outras estratégias de sobrevivência [Cierco, 2017: 11]

Um ‘refugiado’ é, pois, alguém que tenta evadir-se de uma morte predestinada, tradicionalmente, por uma conjuntura político-militar profundamente desfavorável e vigente no contexto geográfico onde originalmente se insere; é aquele que procura um abrigo, um refúgio, a paz, ou mais simplesmente, viver.

Desde sempre terão existido refugiados, materializados em simultâneos e massivos movimentos de ‘diáspora’, como resultado da barbárie causada por eternas disputas de poder e território que não contemplavam, por entre a miríade de saques, morte, violações e escravatura, qualquer sentimento de empatia pelo outro, e que nos deveria definir e distinguir enquanto seres humanos. Veja-se o caso dos séculos III e IV, quando um simultâneo e abrupto movimento migratório de massas, invadiu, subitamente, todas as fronteiras do Império Romano do Ocidente, no qual se integravam centenas de diferentes povos Bárbaros (sem unidade étnica definida ou consolidada, oriundos de fora do Império romano, nomeadamente de territórios que se estendiam desde a atual Alemanha à atual Mongólia) que fugiam a um profundo rasto de caos, destruição e morte pela mão dos Hunos, liderados por Átila. Hoje, volvidos quase 2 milénios, eis que estamos perante o mesmo problema de migração forçada que tanto desinquieta e ansiava as populações do período Clássico.

3.1. A opressão política e o terrorismo na Síria

Atualmente, um dos maiores flagelos relacionados com os refugiados está inerentemente ligado ao Médio Oriente, sendo o pior dos casos a Síria, ou o que resta dela. Em 2011, na sequência de um movimento que ficaria conhecido como a Primavera árabe³, deram-se as primeiras manifestações pró-democráticas, imediata e violentamente reprimidas por ordem de Bashar Al Assad (Presidente sírio), dando origem a um estrondoso escalar da violência decorrente de uma grave guerra civil, espoletada em 2011, não tendo ainda conhecido uma resolução e estimando-se, segundo as Nações Unidas, a existência de mais de 12 milhões de sírios a precisar de assistência humanitária, tendo o conflito resultado já em mais de 400 000 mortos, e que o número só não será maior uma vez que cerca de 5.6 milhões de pessoas terão já deixado o país. [ONU, n.d]

Não obstante os citados problemas advindos da opressão política, há que referenciar ainda um outro flagelo bastante comum na região, o terrorismo jihadista que, por sua vez, tem encontrado um novo santuário na Síria, sendo este país lugar de recrutamento e foco de atração para os jovens radicais de todo mundo [Parra, 2015: 9], tendo como causas os confrontos entre xiitas e sunitas, luta de poder entre os diferentes grupos jihadistas e as forças rebeldes, e entre estes e as forças do regime de al-Assad [idem]. Posto isto, os refugiados fogem à guerra civil, ao fanatismo religioso, ao terrorismo, à inexistência de condições mínimas de vida, a altas taxas de desemprego, à opressão, à fome, à miséria e à morte.

3.2. O que nos diz o direito internacional?

Com efeito, e perante a lei internacional, todas estas pessoas têm o direito de fugir à morte e de se verem protegidas a nível internacional. Este direito à proteção internacional dos refugiados está vinculado a um organismo criado para lhes dar assistência – o Alto Comissariado para os refugiados [ONU, 2002: 9], sendo que o direito à proteção, embora não definido enquanto tal, está implícito na Convenção de 1951 e nas suas disposições essenciais [Idem, 10], assim como o próprio direito à vida, a proteção contra a tortura e os maus tratos, o direito à nacionalidade, o direito à liberdade de circulação, o direito a deixar qualquer

³ Onda de manifestações e protestos generalizados no Médio Oriente com vista à reivindicação de melhores condições de vida, liberdade e fim da opressão totalitária.

país, incluindo o seu, o direito a regressar ao seu país e o direito de não ser forçado a regressar [Idem], direitos estes presentes na Carta Internacional dos Direitos humanos, válida para todas as sociedades, em todos os países, e de todas as formas, de onde extraímos, a título de exemplo, os artigos 14º e 15º:

- Toda a pessoa sujeita a perseguição, tem o direito de procurar e de beneficiar de asilo em outros países;

- Todo o indivíduo tem direito a ter uma nacionalidade [Declaração Universal dos Direitos do Homem, artigos 14º e 15º apud. ONU, 2002: 10-11].

Um dos continentes que mais tem tentado coadunar-se com os Direitos do homem, e em especial os dos refugiados, é a Europa, de que ressalvamos o caso carismático e determinado de Angela Merkel, em 2015, que fez com que a Alemanha recebesse os refugiados ‘encalhados’ na Hungria, oriundos do Médio Oriente (Síria, Afeganistão e Iraque). Com a determinação da chanceler Alemã, centenas de milhares de refugiados puderam entrar e estabelecer-se na Alemanha, tendo outros países europeus acompanhado o exemplo [Silas, 2020]. Foi assim que se criou o programa de recolocação de refugiados da União Europeia, através do qual se estabeleceram cotas de distribuição de refugiados por todo o continente, onde se inclui Portugal, que terá recebido, entre 2015 e 2018, cerca de 1866 pessoas [Friaças, 2019].

Com efeito, urge a necessidade de alojar, longe de guerras e atentados à vida humana (como descrito no terceiro parágrafo deste tema), estes cidadãos.

A aldeia do Catarredor em virtude da desertificação quase total, abundância em estruturas capazes de comportar famílias, terrenos habilitados ao cultivo e incremento de abrigos pastoris (possíveis atividades laborais e fontes de alimentos) e inserção na serra da Lousã – que prima pela paz e o sossego, meio contrastante com o caos civil do qual a Síria é alvo – apresenta inúmeras potencialidades para a permanência destes povos no local. Se por um lado os refugiados Sírios beneficiam de um local para recomeçar, a aldeia beneficia de nova população capaz de lhe dar substância, entusiasmo e vitalidade.



018| Família de refugiados Sírios, 2014



019| Criança Síria num campo de refugiados, 2020

3.3. Síria – a casa

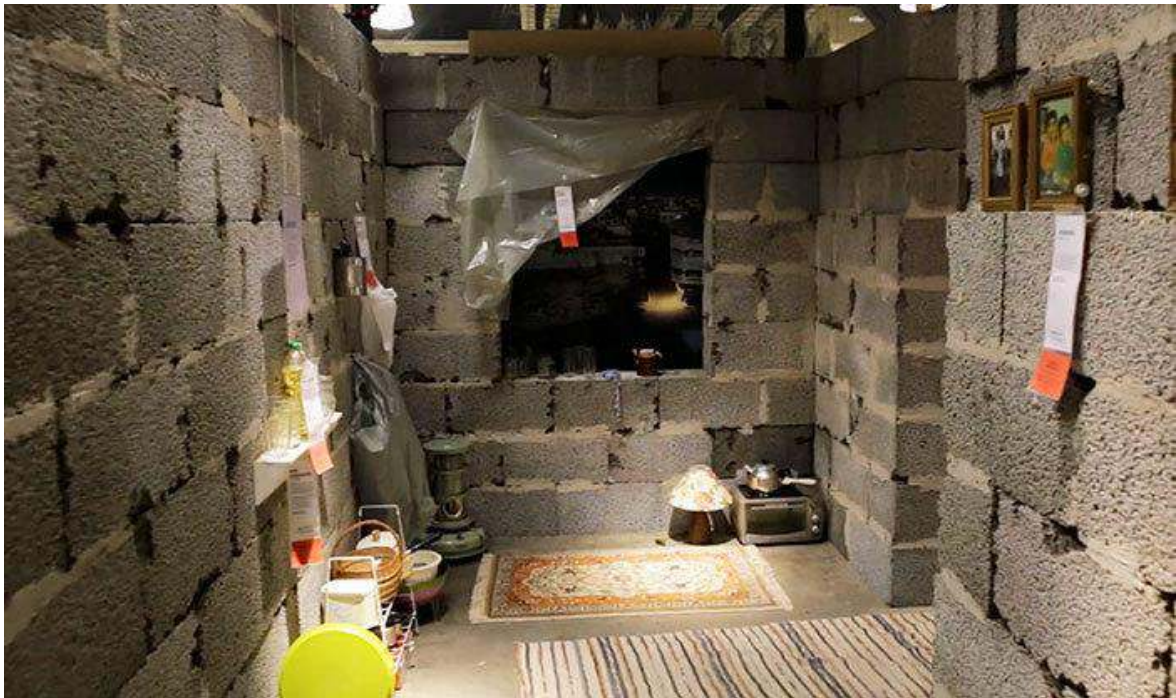
Nem sempre é fácil perceber e interpretar tradições, vivências e costumes de outras culturas, principalmente quando não existe a oportunidade de observar, *in loco*, o cotidiano daquelas gentes.

Neste sentido, e na impossibilidade de deslocar até ao Médio Oriente – mais concretamente à Síria –, recorreremos ao estudo e análise de obras literárias e documentários, com o intuito de retratar o maior número possível de características, particularidades e idiosincrasias do povo sírio e das suas vidas diárias, com principal enfoque no âmbito arquitetónico.

Procuramos ao longo desta dissertação regressar, de certo modo, às origens. Isto é, propomo-nos a analisar e identificar a arquitetura que vive em consonância com o ser humano, a obra realizada à medida do homem em detrimento de projetos que procuram, somente, e com base em aparências e *show-off*, a afirmação clara e exacerbada de características identificadoras resultantes em formas estrambólicas que perduram na não comunhão com a envolvente, em suma, aquilo que o arquiteto Fernando Távora definia como *Arquitetura delapidada*. [Martins, 2012: 31]

A delapidação é assim um processo de criação de formas desprovidas de eficiência e de beleza, de utilidade e de sentido, de formas sem raízes, verdadeiros *nado-mortos* que nada acrescentam ao espaço organizado ou o perturbam com a sua *existência*. “*E esta «doença» do espaço (...) afeta, numa palavra, o homem, na sua vida física e espiritual, na medida em que as formas criadas não servem para o prolongar, servir e enriquecer mas apenas concorrem, pela desvalorização do seu ambiente físico, para o perturbar em aspetos múltiplos da sua existência.* [Martins, 2012: 31 apud Távora, 2006: 27]

Como é apanágio em torno de todo o globo, também o Médio Oriente possui obras arquitetónicas capazes de se inserirem na denominada *arquitetura delapidada*. Todavia, pretendemos ir ao âmago à essência, tencionamos ir ao encontro das construções comedidas, despretensiosas e humildes, geralmente presentes no interior das aldeias e vilas sírias que, apesar de se verem privadas de gestualismos excedidos e riquezas – estando em alguns casos necessitadas de condições mínimas – abundam em carácter e espírito do local.



020| Réplica do interior de casa Síria, 2016



021| Exemplo de construção tradicional Síria, 2017

Na impossibilidade de uma vivência e contacto mais direto com a realidade, cultura e costumes in loco, foram realizados variados estudos, análises e pesquisas sobre o tema ora de um modo científico ora de um modo mais empírico.

Dada a soberania do islamismo nesta região do sudoeste asiático, torna-se uma tarefa árdua dissociar a arquitetura islâmica da arquitetura popular, uma vez que são notórias características e memórias comuns.

Nas regiões menos abastadas, parcial ou totalmente dizimadas pela guerra, onde, por entre escombros e destroços, é possível observar edificações ainda inteiras, são perceptíveis traços gerais de um povo que fez uso da sua vontade e sabedoria prática para começar a erigir o seu lar.

Também são passíveis de se observarem habitações megalómanas, ricas em bronze, mármore, azulejos e cerâmicas com decorações arabescas e geométricas, vidros talhados, brilhantes e/ou estampados e ornamentos variados, contudo, de um modo geral, as casas variam entre de um a quatro pisos e – em virtude dos tons beges, acastanhados e alaranjados das estruturas que a sustentam – confundem-se com as paisagens desérticas e adequam-se ao clima árido e relevo característicos do local.

Estas casas, humildes e simples, construídas com materiais provenientes do local⁴, primam pela ausência de espaços privados – de um modo geral, os quartos eram sempre para mais do que uma pessoa – e o quotidiano, quando em casa, é maioritariamente passado nas zonas sociais, propiciando o convívio, com especial destaque para a cozinha, dada a importância gastronómica inerente a estes povos.

⁴ É comum o uso de, nas paredes, adobe moldado, pedras naturais e artificiais, tijolos de argila crua e cozida, taipa e, em raros casos, argamassas (cal e gesso) e revestimento (estruque e tintas). Já nas coberturas, era comum o uso de madeiras e telhas.

4. Sentir a obra arquitetônica - uma linguagem universal

O ato de projetar não é, por si só, uma ciência exata, não está única e exclusivamente dependente de fórmulas, bem pelo contrário, encontra-se diretamente ligado a inúmeras condicionantes e variantes como, por exemplo, o local onde se irá implantar, o programa, o cliente. Não existem modelos universais de concepção e resolução projetual, o arquiteto não pode seguir um cânone pré-estabelecido para todo e qualquer projeto pese embora existam diretrizes transversais à maioria dos trabalhos, sendo, talvez, a satisfação e supressão das necessidades do usufrutuário a principal premissa comum a todos.

O arquiteto deve, e tendo em atenção todas as condicionantes adjacentes ao projeto, assumir dois cargos determinantes no processo de elaboração de uma proposta de arquitetura, o de autor e utilizador.

Quando projeto uma casa é como se a fizesse para mim. Porquê? Porque quando projeto tento fazê-lo ao máximo nível, de modo que o resultado satisfaça, sobretudo, o meu gosto e prazer pessoal. Na realidade, ao desenhar um esquisso, sou eu quem estou a olhar para a montanha ao longe tentado incorporá-la no projeto; sou eu quem estabelece as proporções dos espaços ou as posições dos objetos; se abro uma janela na casa de banho, sou sempre eu quem se move e atua nesse cenário. Imagino-me a viver como o meu cliente; mudo de identidade e transformo-me, por exemplo, num médico com mulher e três filhos. [Souto de Moura, 2008: 62-63]

Uma obra arquitetônica é pessoal, seja ela de caráter público ou privado, e dirige-se sempre a alguém, pelo que, enquanto arquitetos, colocarmo-nos no lugar e pensarmos na qualidade de ‘outro’, mesmo que nem sempre seja uma tarefa fácil⁵, é um trabalho fulcral.

Realizar um trabalho de arquitetura em Portugal nunca será o mesmo do que projetar, por exemplo, no Brasil, no Japão, na Síria. Isto não se deve apenas à localização onde o

⁵ Somos o resultado das nossas vivências, nenhum autor projeta a vida que não viveu na sua obra, imaginada ou com base num processo de informação, a solução é sempre individualizada pelo autor que se compromete através dos seus conhecimentos e das suas experiências [Martins, 2012: 77] fazer uma aproximação fidedigna do que é e como pensa o cliente.

projeto se instaura, ou ao clima adjacente, deve-se, também, e em grande parte, ao ‘público alvo’ da composição final, ao utente.

Não obstante, por muito diferentes que possamos ser, por mais distante que seja o nosso país de origem, por muito dispares que sejam as nossas culturas, e sem nunca descurar o conhecimento de possível obtenção, existe uma condição transversal a qualquer ser humano – os sentidos.

Os sentidos são uma condição sine qua non para a arquitetura, principalmente para a arquitetura popular de expressão vernacular – categoria na qual se integra a aldeia do Catarredor –, pois uma vez que esta é, na maioria dos casos, realizada sem o pensamento crítico de um arquiteto, exprime-se no homem em contacto com os sentidos e percepção primária, sem recorrer a grandes análises científicas e teóricas.

4.1. O Homem

Desde a sua existência, ocorre por parte do ser humano a tentativa de alcançar uma certa e determinada supremacia relativamente a outros seres. Não pretendemos validar ou dirimir a legitimidade de tal intento, tencionamos, somente, enfatizar a necessidade de exaltação do Homem, desde a sua génese, perante o mundo. Também, e ainda no período antes de Cristo, Protágoras discorreu que o homem é a medida de todas as coisas, das que são, enquanto são, das que não são enquanto não são. É perceptível, nesta afirmação, a necessidade que o ser humano tem em se impor ao que o rodeia. [Martins, 2012: 27]

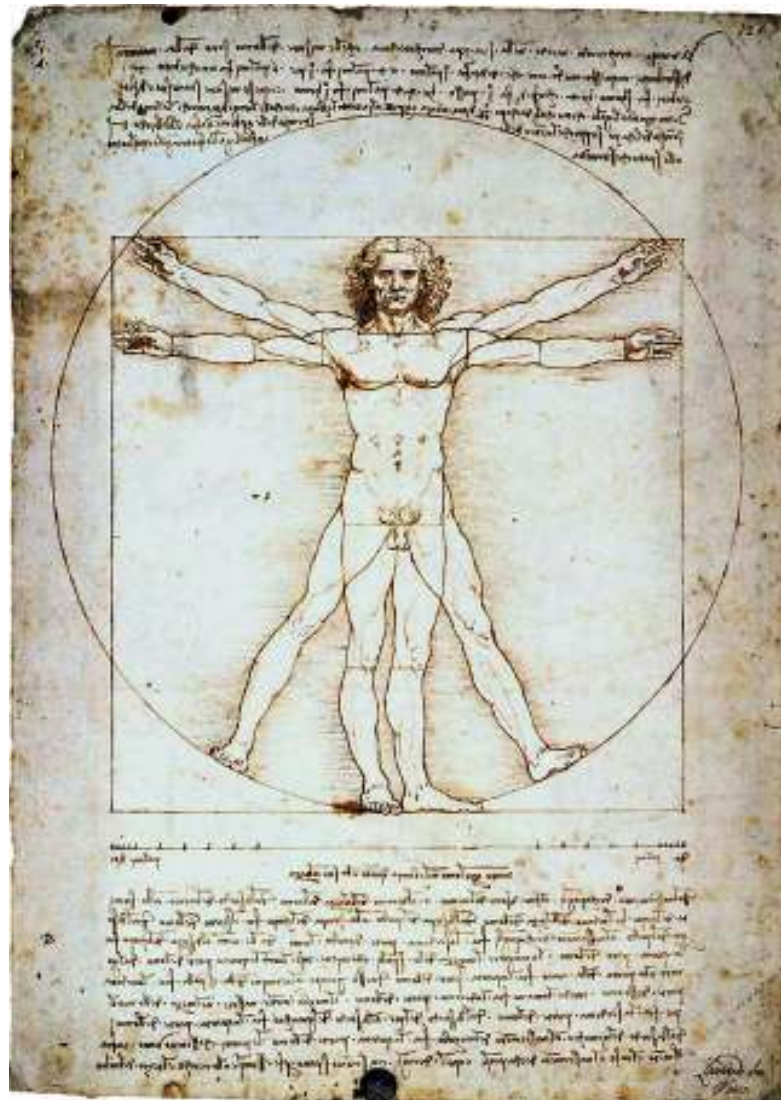
Similarmente, a arquitetura, assim como as outras vertentes artísticas, científicas e formas de viver da sociedade, responderam sempre a esta necessidade que o Homem tem de se mostrar como referência. [Martins, 2012: 27]

A arquitetura não serve somente o Homem - como nos demonstram, por exemplo, os canis e os oceanários - todavia, o ser humano é, manifestamente, o seu maior utilizador e principal interveniente.

O Homem, na perspectiva de utilizador, estabelece, maioritariamente, um contacto com a obra arquitetónica de um modo inconsciente, tende a ser conduzido pelo espaço, a usufruir da experiência que o projeto proporciona de maneira subliminar. É, enquanto intérprete, muito mais um ser visual, mas, e como os sentidos, de um modo geral, intercedem simultaneamente estando ligados entre si, o ser humano necessita que todos os sentidos interajam com a obra para a sua total percepção. [Martins, 2012: 27]

Ainda que não se pretenda dissecar a constituição anatômica do ser humano de um modo exaustivo, o homem compõe-se em matéria por: ossos, tendões, músculos, sangue e pele onde se integram os sistemas próprios de cada função; e em forma, por: cabeça, tronco e membros (pernas e braços). [Martins, 2012: 33]

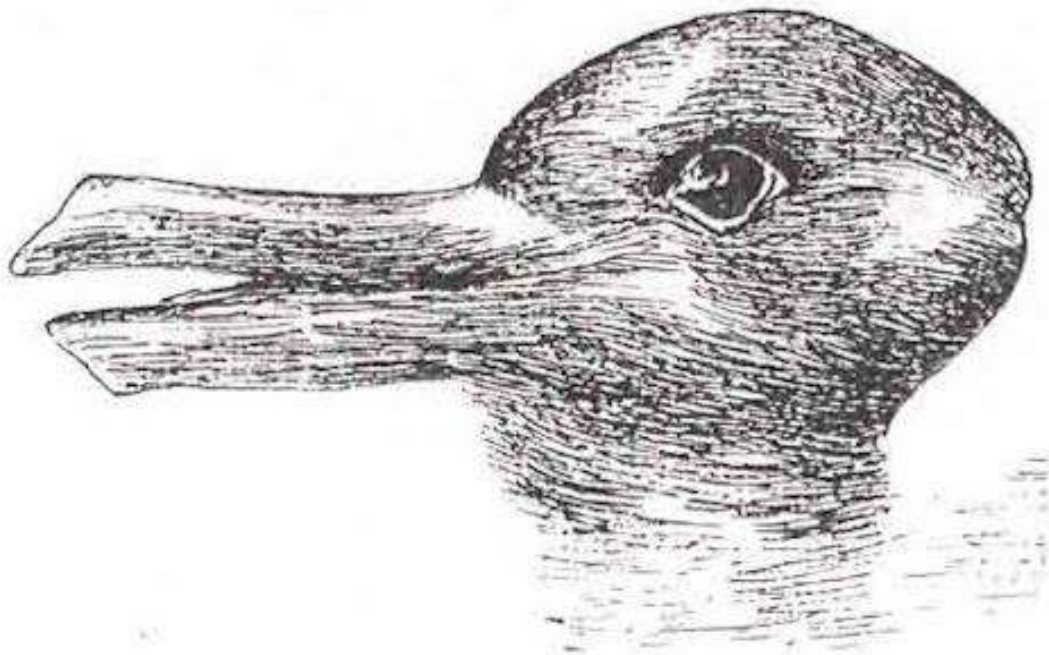
Conquanto, o corpo do ser humano não representa meramente a matéria e a forma que o estrutura, sobretudo na função de autor, qualidade na qual é mais propenso a encerrar em si, usando-se, a compreensão de si mesmo e do que o rodeia. Os seus sentidos imergidos num mundo constante transmitem-lhe o impulso que gera a reação e, através desta, a obra (seja de que natureza for) nasce. [Martins, 2012: 67]



022| Homem de Vitruvio, 1490

4.2. Percepção

O celebre desenho *Kaninchen und Ente*⁶ cujo autor é desconhecido, mas que foi utilizado no livro póstumo *investigações filosóficas* por Ludwig Wittgenstein, ajuda-nos a compreender, visualmente, que aquilo que vemos e assumimos como verdade, advém de um processo cognitivo e conjunto de experiências passadas e varia consoante o recetor da informação. Enquanto que, para uns, o desenho representa, inequivocamente, um coelho, para outros, e de um modo evidente, a figura que se expressa é um pato. O que se pretende demonstrar com este exemplo é que até mesmo convenções universais passam, muitas vezes, por um entendimento individual. [Martins, 2012: 27]



023| "*Kaninchen und Ente*" in *Fliegende Blätter*, 1892

⁶ Tradução livre – coelho e pato

Devemos assim compreender que, também a arquitetura, pode gerar, suscitar e produzir entendimentos e percepções dispares da obra e da ideia que o autor pretende transmitir.

O homem encontra-se em constante interação com o ambiente que o envolve. Relacionando-se com este através de processos básicos, como percepção, memória, afetividade e pensamento. [Martins, 2012: 69 apud Muga, 2005: 27] Entre cada um dos processos básicos susoditos, a percepção assume principal destaque, pois resulta da junção de todos os outros. Porém, a percepção não depende unicamente de processos cognitivos como a atenção, a memória, a afetividade e o pensamento, mas, também, do processo de informação sensorial. [Martins, 2012: 69-70]

A percepção é, por sua vez, a exploração, seleção e interpretação ativa e continuada da totalidade dos estímulos. Isto é, os recetores sensoriais facultam informação que não é uma representação do real mas uma interpretação individual com carácter único, já que nós somos o nosso próprio filtro no entendimento do que nos rodeia. [Martins, 2012: 69]

Percebe-se, então, que a sensação, que é um processo de reconhecimento básico que recorre aos sentidos, e a percepção, que utiliza a informação da anterior complexificando-a e tornando-a cognitiva, são processos com os quais criamos a nossa realidade. [Martins, 2012: 70]

4.3. Sentidos

Se, de um ponto de vista metafórico, analisarmos a percepção como a cobertura de uma habitação, podemos interpretar os sentidos como a base que a suporta; são as fundações, o primeiro contacto com o solo que, só depois de um conjunto de processos se materializa na cobertura. De outro modo, é através dos sentidos que estabelecemos o contacto primário com o mundo, pois, mesmo antes de percebermos o que é um determinado objeto e qual a sua função, é a estes que recorremos.

Os sentidos são, assim, o canal para a sensação, a equação que resolve as incógnitas e nos dá um valor. [Martins, 2012: 37]

Também a arquitetura se instaura como caso paradigmático da interação do homem com o mundo através dos sentidos.

O corpo do homem funciona como agregador de sentidos e a arquitetura como catalisadora de sensações. Entre estes dois dá-se uma experiência de entendimento dual e multissensorial. Referenciando-se no conhecimento que tem de si o homem percebe, através dos sentidos, o que o rodeia. [Martins, 2012: 37]

Somente através da aquisição, seleção, organização e interpretação proveniente dos estímulos é que nos é possível obter um entendimento da arquitetura. Não obstante, é importante perceber que não existem modelos pré-estabelecidos para a interpretação dos sentidos, esta varia de acordo com a importância que se lhes dá e com a perspectiva do estudo que se faz. [Martins, 2012: 37]

Os sentidos também apresentam oscilações condicionando a percepção. Podemos ser ou estar, momentaneamente, privados de algum dos sentidos aquando o contacto com uma obra limitando a experiência. De qualquer modo – e salvo raríssimas exceções – a conexão utilizador-objeto ocorre através da ação simultânea dos sentidos que transmitem a informação ao cérebro.

Apesar deste processo conjunto, serão, em seguida, analisados cada um dos cinco sentidos⁷ – sendo eles a visão, o tato, a audição, o olfato e o paladar – separadamente, para um melhor entendimento da sua expressão no âmbito arquitetónico.

⁷ Autores como, por exemplo, Juhani Pallasmaa – na obra os olhos da pele –, defendem que cingirmo-nos somente aos cinco sentidos estabelecidos ao longo da história é algo redutor porque como estes procedem em simultâneo originam novas possibilidades sensoriais criando grupos entre si. [Pallasmaa, 2011]



024| Privação dos sentidos, 2008

4.3.1. Visão

Hegemonicamente, a visão é o sentido que estabelece maior relação com a arquitetura quando comparada com os outros, principalmente na contemporaneidade, onde o ‘pós-moderno’ global estabeleceu a preeminência da imagem sobre as restantes composições formais do projeto de arquitetura. Isto é, perde-se o sentido da visualidade, tão importante para a arquitetura, enquanto reflexo formal das necessidades que foram respondidas, para passar a visibilidade a ser uma das primeiras premissas do projeto. [Martins, 2012: 51]

A arquitetura dos nossos tempos está a tornar-se *na arte retinal do olho*. (...) A contemplação tende a esbater-se numa imagem e a perder a sua plasticidade; em vez de experiencarmos o nosso ser dentro do mundo, olhamo-lo de fora como meros espectadores de imagens projetadas na superfície da nossa retina. [Martins, 2012: 51 apud Pallasma, 2006: 29]

É através deste sentido que aspetos como forma, luz, cor, perspectiva, profundidade e escala são captados e, posteriormente processados, resultando em informação sobre a obra ou objeto⁸. [Martins, 2012: 49]

Todavia, esta experiência visual, insere-se num determinado contexto spatiotemporal, isto é, o objeto poderá ser compreendido de forma adulterada pela influência da envolvente ou até mesmo pelo modo como foi visto pela primeira vez. [Martins, 2012: 46] Não obstante, nem tudo que envolve um objeto ou edifício arquitetónico interfere de modo definitivo na sua imagem – podendo este ser muito mais um ‘ser’ influenciador do que propriamente um ‘ser’ influenciável – no entanto, cabe ao Homem, principalmente na sua função de arquiteto, ter a noção destas relações e das capacidades ilusórias que representam, o que revela a importância da percepção visual sobre o objeto de estudo. [Martins, 2012: 46]

⁸ Porém, a percepção total destas características pode não ser feita única e exclusivamente por intermédio da visão. [Martins, 2012: 49]

Em arquitetura defender-se-á uma abordagem visual gestáltica, isto é, perceptivamente o elemento ganha valor em arquitetura não apenas individualmente mas também como parte integrante na estrutura do conjunto. Não nos interessa perceber a maçaneta da porta se não virmos a porta. E esta se não virmos a parede. E, por fim, a parede se não estivermos na sala. Tal significa que, a individualidade dos elementos não cria arquitetura mas sim o seu conjunto ordenado. Trata-se então da qualidade da forma. [Martins, 2012: 46-47 apud Davidoff, 2011: 164]

No seguimento deste pensamento, também a forma, a luz, a cor, a perspetiva, a profundidade e a escala podem ter, visualmente, diferentes perceções pelo ser humano, segundo o meio onde se inserem. [Martins, 2012: 46]

Para o processo de perceção visual, contribuem ainda mecanismos como o tamanho familiar, a perspetiva linear, a luz e sombra, o gradiente de textura, a perspetiva aérea e a interposição. [Martins, 2012: 47]

O tamanho familiar é referente ao modo como, através do reconhecimento de um objeto, podemos calcular a sua medida e distância física. A perspetiva linear, possibilita entender que linhas que convergem no nosso campo de visão são, na realidade, paralelas. A luz e sombra permite-nos obter informações como a solidez, as saliências e reentrâncias de um objeto. E a interposição, por sua vez, representa a ideia de que sempre que um objeto obstrui a visão de outro é considerado mais próximo. [Martins, 2012: 47]

Podemos, deste modo, concluir que o contacto visual estabelecido no binómio utilizador-obra arquitetónica não é linear. Varia consoante a perceção do utilizador que, por sua vez, está dependente de inúmeras condicionantes, oposições e restrições. Não obstante, e independentemente do entendimento realizado por cada um⁹, o nosso sentido visual facultá-nos informações determinantes sobre o objeto como forma, luz, cor, perspetiva, profundidade e escala, proporcionando uma interpretação pessoal sobre a obra em causa, independentemente de nos sentirmos bem, ou não, na relação com este.

⁹ Tal facto poderá manifestar-se como uma vantagem, pois é, também, através de visões distintas sobre o mesmo tema que a evolução ocorre.

4.3.2. Tato

No âmbito arquitetónico, o tato, na maioria dos casos, surge em seguimento da visão e, mesmo que não tão primária, estabelece uma forte conexão entre o interprete e a obra. Conquanto, e se analisarmos os invisuais como público alvo, o tato surge, maioritariamente, como o primeiro contacto e como o sentido que melhor traduz o mundo que os rodeia. [Gamboias, 2013: 21]

A experiência tátil ocorre através do contacto da pele com o objeto, pelo que, podemos concluir que o tato não só é o maior órgão sensorial, como também permitiu o nosso primeiro contacto com o mundo, já que em crianças descobrimos o mundo sobretudo pelas mãos, *temos a necessidades de “trazer até nós” os objetos para os identificar ou reconhecer* – esta necessidade vai se, naturalmente, diluindo. [Martins, 2012: 63]

A pele apresenta, também, propriedades protetoras. Funciona como um escudo entre o organismo e a atmosfera externa e alerta-nos para estímulos nocivos. [Martins, 2012: 65]

Os olhos veem, a pele sente. E se os olhos permitem gerar uma ligação com o objeto ao longe, o tato permite uma conexão mais próxima, mais direta, menos equivocada. Sendo um sentido de proximidade, a compreensão de alguma informação obtida através da pele é de elevada importância na idealização do espaço arquitetónico. [Martins, 2012: 65]

Podemos ainda considerar o tato como um indicador da verdade quando comparado com a visão. Apesar da visão ser um processo de informação considerável e diversificado que revela um entendimento com base num conhecimento prévio que assenta na memória tátil, é distante e intangível. [Martins, 2012: 66 apud Pallasma, 2006: 34]

Mesmo que, num determinado espaço, a visão seja capaz de identificar materiais, cores e possíveis texturas, é através da aproximação que o toque exige, que a pele lê a textura, o peso, a densidade e a temperatura da matéria, revelando a sua verdadeira essência. [Martins, 2012: 66]

Por exemplo, somos muitas vezes enganados quando à distância pensamos estar presente granito e quando nos aproximamos vemos que é uma réplica da sua textura noutro material que nos ilude, ou quando nos aproximamos de um móvel e o toque, pela densidade, nos permite sentir que não é madeira maciça. [Martins, 2012: 66-67]

Em suma, para a percepção da obra arquitetônica na sua completude é determinante recorrermos ao nosso sentido tátil. É através do tato que obtemos, não só informações como materiais, texturas, pesos e densidades, mas também elementos como temperatura e humidade atmosférica, explanando a essência da matéria e o espaço que nos envolve.

4.3.3. **Audição**

Se pensarmos e questionarmos o sentido auditivo em manifestação no projeto de arquitetura, numa primeira instância, poderemos não obter muitas respostas. As obras arquitetônicas enquanto seres inanimados, mesmo tendo uma capacidade expressiva, não recorrem à fala para comunicarem. Contudo, os edifícios não são silentes, produzem som, acabando por se pronunciarem por intermédio do vento nos vidros da janela, do ranger do soalho e do eco que traz de volta a nossa mensagem. [Gamboias, 2013: 23]

A interpretação auditiva sugere-nos um ambiente tridimensional e permite-nos uma melhor orientação atmosférica. [Gamboias, 2013: 25] A nossa audição explora todo o espaço devolvendo-o, enquanto nosso, a nós. [Martins, 2012: 57]

A audição é um meio fundamental para uma melhor interação idiomática e concetual, permite relacionarmo-nos com os outros mesmo que, por vezes, nos revele novos mundos que não conseguimos identificar imediatamente. Se, por um lado, nos avisa do perigo e nos incita a procura, por outro, pode sugerir incertezas e inseguranças, é capaz de nos levar à loucura ora através do caos ruidoso ora pelo silêncio indesejado. [Martins, 2012: 57]

A sensação auditiva é influenciada pelas características do meio de transmissão, onde as formas espaciais e os materiais utilizados tem uma participação ativa. Neste sentido, o som espoleta ação no âmbito arquitetónico podendo influenciar positiva ou negativamente a experiência, pelo que todos os espaços devem ser pensados e trabalhados visando o maior conforto acústico possível e não só os teatros, as salas de concertos e espetáculos, os auditórios. [Martins, 2012: 57]

Utilizando as características do meio como base, podemos dividir os espaços em duas definições distintas, os espaços reverberantes – que refletem o som, prolongando-o – e os espaços surdos – onde as superfícies absorvem o som e a reflexão é praticamente nula.

Os espaços reverberantes estão associados a superfícies duras e rígidas como, por exemplo, mármore polido e o mosaico.

Já os espaços surdos primam pelo predomínio de cortinados, mobiliário trabalhado, paredes ‘ferradas’ com livros, tecidos. [Martins, 2012: 55]

Daí os espaços terem de ser cuidadosamente pensados segundo as suas características acústicas, já que locais (demasiado) reverberantes não vão tornar, por exemplo, apenas um discurso incompreensível como vão também criar desconforto. Simultaneamente, locais (demasiadamente) surdos vão fazer com que o homem perca a referência que o homem tem de si mesmo, dos outros e do próprio espaço. [Martins, 2012: 55-56]

Podemos concluir que o espaço funciona como instrumento que cria uma banda sonora constante na vida do homem e que a experiência do mesmo é influenciada pelas características acústicas que cada espaço apresenta. O arquiteto deve, assim, pensar no espaço e no seu funcionamento acústico, evitando que o utilizador se sinta diminuído, confuso e/ou até mesmo anulado pela perda de referências, resultante de espaços demasiado reverberantes ou surdos, garantindo o conforto acústico. [Martins, 2012: 57]

4.3.4. **Olfato | Paladar**

Embora sejam sentidos distintos podendo funcionar singularmente, a relação entre olfato e paladar chega a ser tão intensa que se transforma em sinestesia, isto é, a experiência sensorial do indivíduo diz respeito a um sentido e é associado a outro. É algo trivial sentirmos que, através do olfato, conseguimos experienciar o paladar de certas matérias. [Martins, 2012: 59]

Assim como a visão, também o olfato apresenta uma grande capacidade adaptativa. Quando somos expostos a um odor intenso, sentimos esse odor, mas com o passar do tempo o cheiro torna-se praticamente impercetível. Contudo, ao contrário da visão – que permite identificar diversas cores em simultâneo, o olfato só permite captar um odor de cada vez. [Gamboias, 2013: 31]

O olfato funciona, em grande parte, como um ‘sentido de alerta’, fornece-nos informações constantes, permitindo-nos identificar fumos, produtos tóxicos e nocivos, venenos. Como defende Edward T. Hall, o cheiro está na base de um dos modos mais primitivos e mais fundamentais da comunicação. [Martins, 2012: 60 apud E. Hall, 1986: 60]

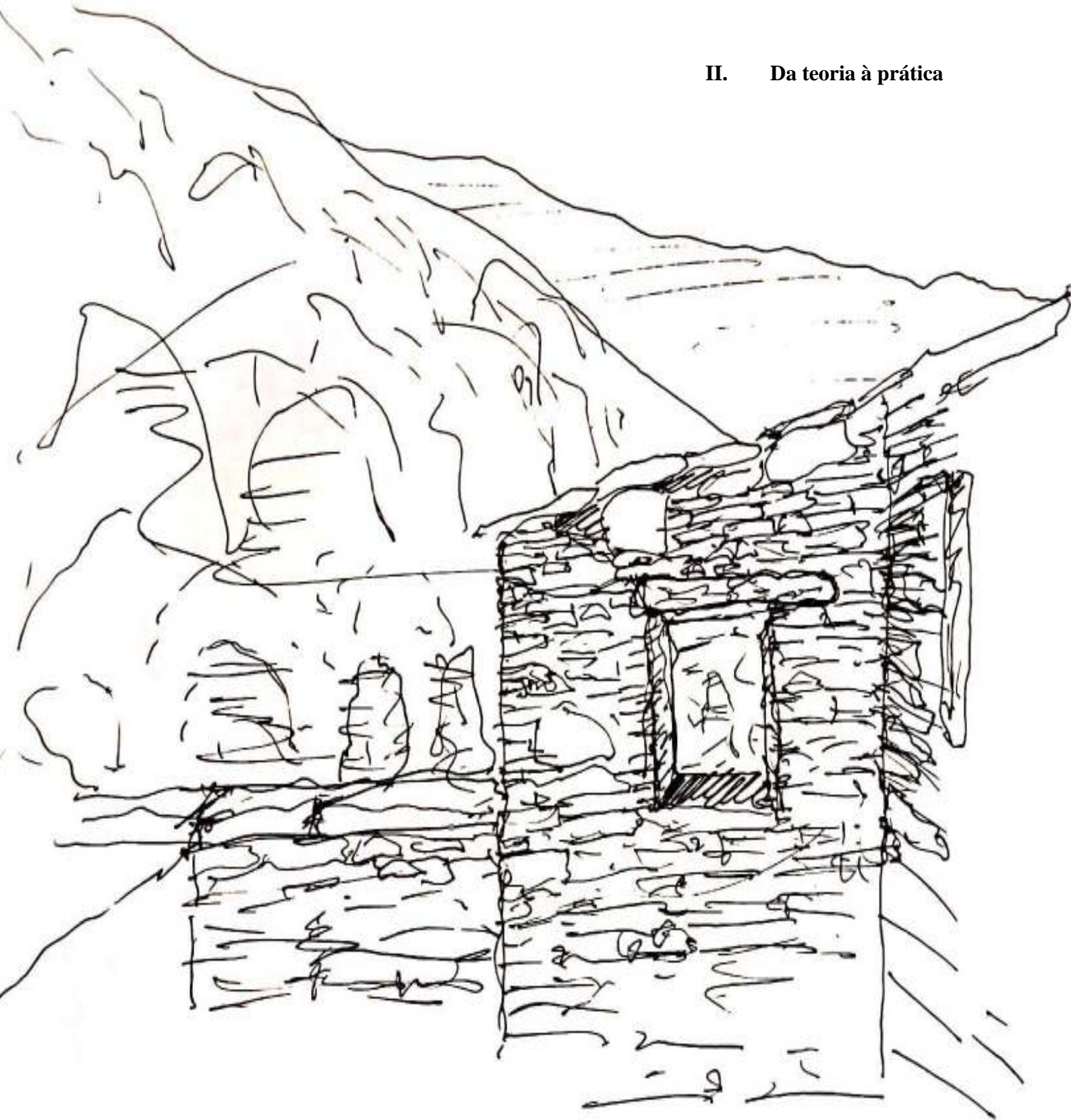
Tanto olfato como, principalmente, paladar, apesar da sua considerável ligação com a obra arquitetônica, não tendem a ter uma relação tão direta com a arquitetura como, por exemplo, a visão e o tato. Todavia, a conexão entre olfato, paladar, utilizador e a obra adquire uma conotação mais poética, mas transcendental.

Os odores sentidos apenas uma vez são imediatamente associados ao momento em que foram percebidos, quando cheirados pela segunda vez, [Gamboias, 2013: 31] tornando recorrente a experiência de, através dos odores, nos identificarmos com um determinado espaço por associarmos à nossa casa de infância, à casa dos avós, ou até mesmo aos – especiais – finais de tarde de verão. Podemos assim concluir que, o olfato, interfere mais na identificação e recordação do que propriamente na concepção do espaço. [Martins, 2012: 61]

Não obstante, pode funcionar, também, como um sentido de orientação do Homem no espaço, possibilitando que através do reconhecimento dos odores identifiquemos pontos de referência como a cozinha, a lavanderia, o jardim. [Martins, 2012: 60]

Com efeito, os sentidos – face à importância que assumem na leitura da obra arquitetônica – serviram, também, de base conceitual para a realização do projeto. Procuramos que a conexão entre o Homem e a construção final seja realizada, antes de tudo, através dos cinco sentidos primários evocando uma leitura simples da proposta, bem como memórias de outrora, visando que o povo Sírio se sinta em casa devido, em grande parte, às reminiscências proporcionadas pelas semelhanças da aldeia do Catarredor – em particular da solução proposta – com os locais dos quais são originários.

II. Da teoria à prática

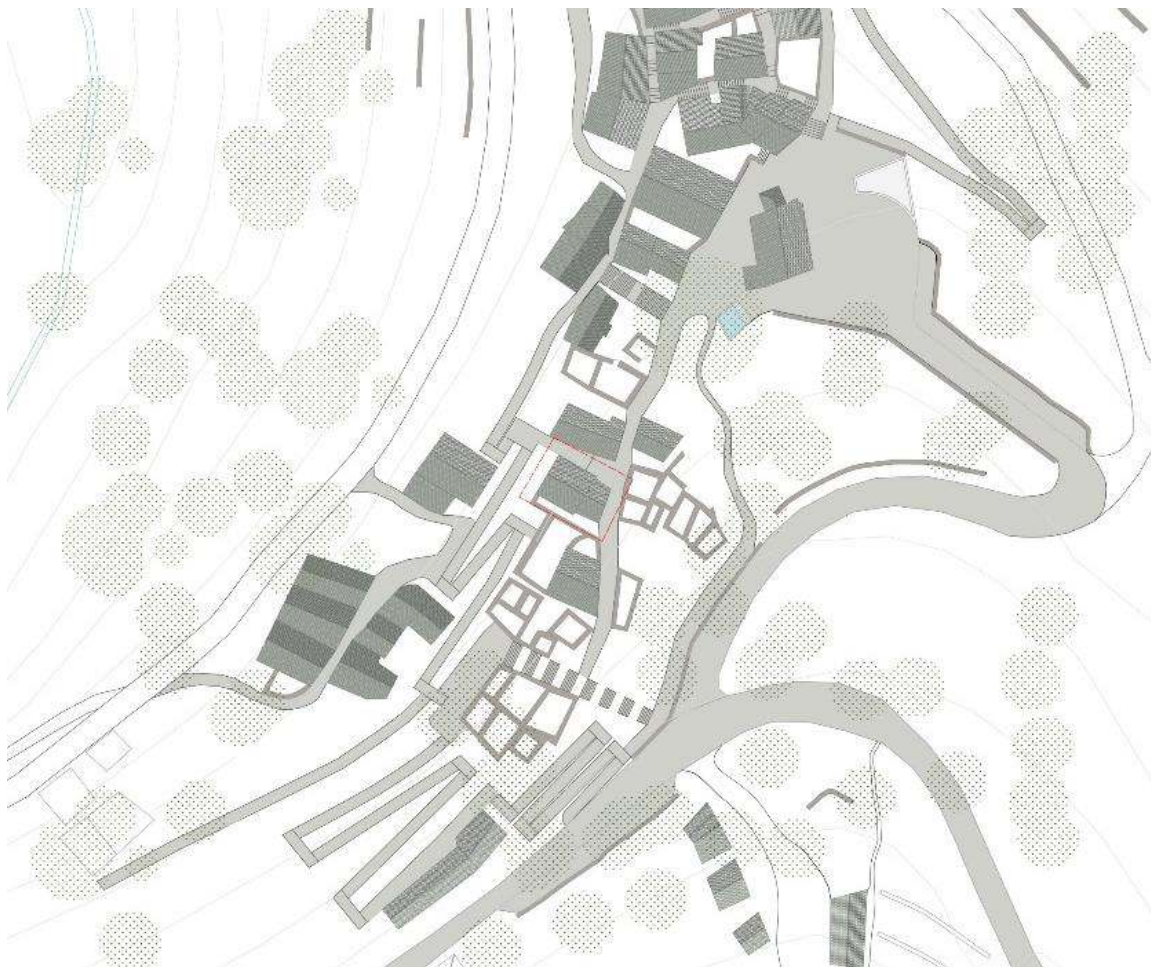


Chegados aqui, e após um primeiro capítulo (‘O mundo em expressão na aldeia’) que encerra e concentra em si uma componente mais científica e teórica de maior expressão, temos diante de nós a concretização formal e projetual da análise feita até então.

Este segundo capítulo (‘Da teoria à prática’), de teor mais empírico, conecta-se e formaliza-se com as ideias referidas no primeiro capítulo, razão pela qual não deve ser explorado singularmente.

Se no primeiro capítulo são analisadas questões como o suporte humano, físico e natural da aldeia do Catarredor, bem como o ‘público alvo’ de plausível chegada e permanência no local, agora, no segundo capítulo, procura-se dar forma – tipologicamente – aos temas sobreditos.

Em suma, este é um capítulo, primordialmente, visual, onde as plantas, os cortes e os alçados assumem um papel de destaque. Encontrar-se-ão, além disso, desenhos – em escalas de melhor perceção – nos apêndices.



026| Planta de inserção na envolvente [escala não aferida, ver apêndice], 2020



027 a 032| Pré-existências 'tipologia 1', 2019

1. Conceito – da ideia à forma

Cada local e cultura apresentam o seu próprio *modus vivendi*, tornando mais difícil a adaptação sempre que a mudança ocorre. O processo de integração nem sempre é simples, sendo que, em casos práticos, a própria língua se torna um entrave. Todavia, existem fatores determinantes para que, mesmo que a milhares de quilômetros de distância no sintamos em ‘casa’ num local que nos era estranho até então.

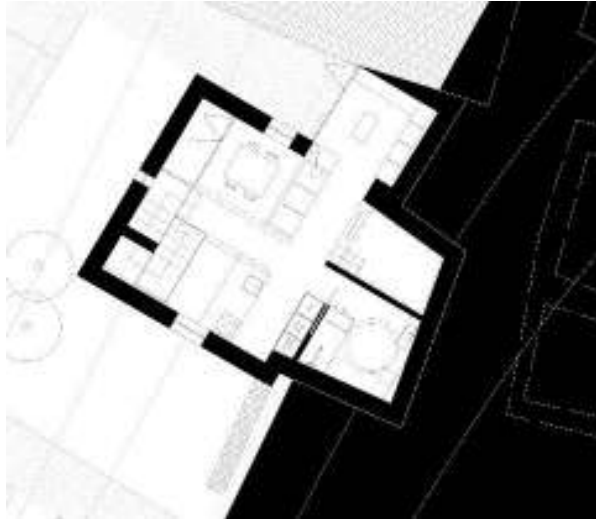
O Homem apresenta características e carências que, independentemente do local de origem, são transversais a qualquer ser humano, como a necessidade de abrigo, alimento e condições básicas de vida. Pretende-se, com base nesta premissa, pensar na arquitetura como supressora de exiguidades e linguagem universal na função de agregadora de povos.

A aldeia do Catarredor abundante em estruturas que, apesar de degradadas, possibilitam, com o devido planeamento necessário, a permanência de povos – ao longo da sua extensão – que se encontram carenciados de abrigo e novos espaços para recomeçar.

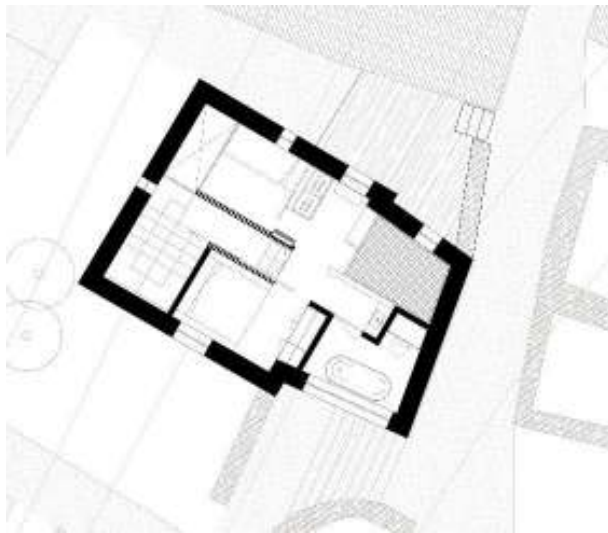
Não só a aldeia cresce e se desenvolve, como também vê, aqueles que até então se consideravam nómadas à procura de um novo local para viver, longe de ameaças constantes à sua integridade física, encontrarem um novo lar.

Assim, a ideia que sustenta e dá forma a este estudo, é fazer com que – e por intermédio de espaços, matérias-primas e elementos, articulações entre o material e o imaterial e com base no estudo e análise prévios explanados no decorrer do capítulo I – o mundo em expressão na aldeia – os refugiados provenientes do médio oriente sintam a aldeia como a sua nova casa, sem que, em momento algum, o *genius loci* seja colocado em causa.

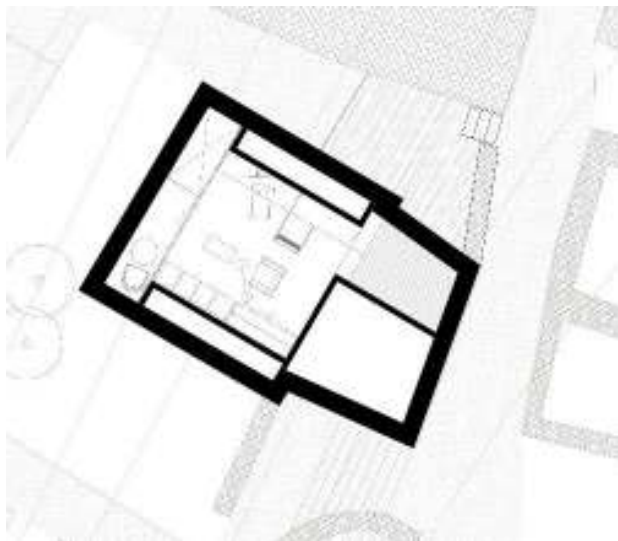
Tipologicamente, diligencia-se encontrar um equilíbrio entre o espaço social e o privado. Há a necessidade de criação de espaços amplos, abertos, mas ao mesmo tempo que consigam gerar uma sensação de segurança, liberdade e alforria, bem como, e em simultâneo, espaços mais contidos que confirmam maior privacidade e proteção à vivência dos utilizadores.



033| 'Tipologia 1', piso 1 [escala não aferida, ver apêndice], 2020



034| 'Tipologia 1', piso 2 [escala não aferida, ver apêndice], 2020

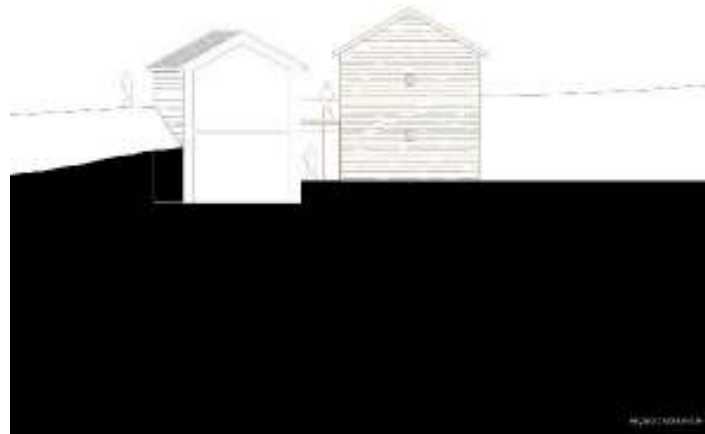


035| 'Tipologia 1', piso 3 [escala não aferida, ver apêndice], 2020

1.1. Programa

Pensada para uma família jovem, que vê na aldeia a oportunidade de (re)começar uma vida longe do caos, a “tipologia 1” visa suprir e corresponder as necessidades de um casal com dois filhos.

Esta tipologia, de 100m², é constituída no piso 1 por sala de leitura, sala de estar, sala de jantar, instalações sanitárias e cozinha, no piso 2 por quartos, espaço lúdico dedicado especialmente aos mais jovens, mas podendo ser utilizado por toda a família e instalações sanitárias, por sua vez foi realizado um aproveitamento do sótão – e como a casa incita a convivência e partilha – com o intuito de criar um espaço mais privado e recatado, que pode funcionar como escritório ou até mesmo, e para os mais religiosos, um momento de reflexão num ambiente mais sossegado.



036| Alçado Nordeste ‘tipologia 1’ [escala não aferida, ver apêndice], 2020

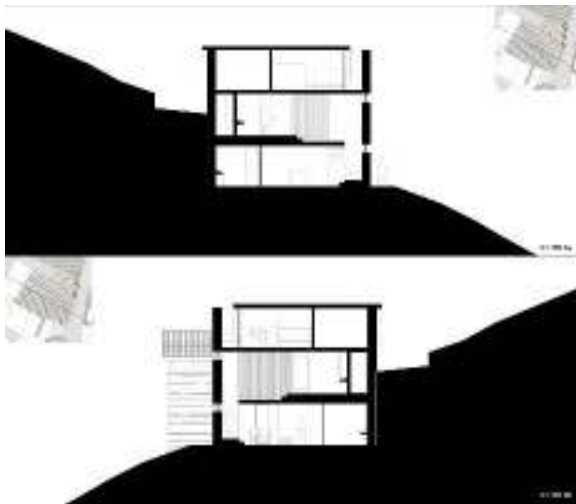


037| Alçados Sudoeste e Noroeste ‘tipologia 1’ [escala não aferida, ver apêndice], 2020

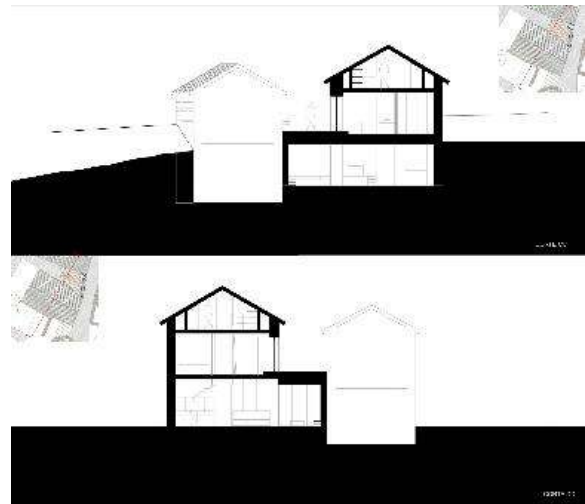
1.2. Descrição do projeto

A “tipologia 1”, procura, por intermédio dos seus espaços e sucessivas articulações, gerar ambientes de convívio e confraternização. Respeitando todas as condicionantes presentes no decreto-lei 163/2006 de 8 de agosto e em virtude dos arranjos exteriores elaborados, é totalmente acessível ao nível do piso 1. Dispõe também de espaço exterior privado que possibilita um maior contacto com a natureza e o usufruto da inserção na serra da Lousã.

A pré-existência, algo degradada ao nível dos interiores e escassa em vãos que possibilitassem a entrada de luz, ditou, de certo modo, o trajeto a ser percorrido pelo projeto. Foi aproveitada a estrutura exterior e adicionadas pequenas aberturas ao nível da fachada com o propósito de não alterar as características formais do edifício e resolver as questões de salubridade presentes. Os espaços interiores, devido ao estado de degradação das estruturas, foram modificados e, agora, deixam que a luz penetre entre eles e se espalhe (através da inter-relação entre os cheios e os vazios) por toda a casa. Foi ainda feito um acréscimo à construção original que funciona como zona de entrada e confere maior comodidade e riqueza estética à zona de sala de estar.



038| Cortes AA' e BB' 'tipologia 1'
[escala não aferida, ver apêndice], 2020



039| Cortes CC' e DD' 'tipologia 1'
[escala não aferida, ver apêndice], 2020

1.3. A aldeia e os sentidos materializados na tipologia

Exteriormente, as paredes de alvenaria de xisto – que funcionam como a ‘pele’ do edifício e são parte integrante da construção original – dada a sua textura e disposição algo irregular e os tons mais cinzentos e melancólicos (visão e tato), visam representar simbolicamente o conjunto de vicissitudes às quais aquele povo esteve sujeito. Não só repercutem e dão continuidade ao ‘espírito do local’, – assim como a cobertura em telha tradicional Portuguesa e as caixilharias em madeira de pinho – como também, e sendo um material abundante e proveniente do local, geram uma ligação com aquilo que nos locais de onde estas gentes são originárias também acontecia – a procura de utilizar a matéria-prima do local oferece.

Interiormente, o pé direito reduzido, feito na escala e à medida do homem e a prevalência dos painéis de madeira de pinho – pretendem camuflar o isolamento térmico e acústico e propiciar o conforto quanto à propagação do som no espaço (audição) – pelo cheiro característico (olfato) e cores com uma conotação naturalmente serena, calma e quente (visão) procuram gerar a paz e tranquilidade dentro do lar, contrastando com o exterior mais rude, sóbrio, bucólico e as condições climáticas típicas dos meses de inverno.

Os espaços que primam pela ausência de barreiras e conexão entre eles, procuram propiciar um ambiente de confraternização junto dos residentes. Muitas das famílias provenientes do médio oriente, viram-se privadas de alguns daqueles que lhes eram mais queridos como consequência ora da guerra ora dos tormentos passados até aqui chegarem, neste sentido, também os quartos – e apesar da privacidade intrínseca – buscam, através do ripado de madeira, ocasionar a sensação de ligação entre cada um dos utilizadores, simbolizando o conforto e segurança de que não terão de se separar nunca mais.

A cozinha abre-se – mesmo tendo a possibilidade de se fechar – para toda a casa. Uma vez que o sentido representativo da comida para estes povos é determinante na sua vivência, a ideia é permitir que o cheiro agradável (olfato) proveniente da cozinha transmita a verdadeira sensação de ‘casa’ e agregue todos os residentes em torno deste espaço.

Ainda no primeiro piso, e junto da sala de jantar, foi criado um pequeno pátio (comum na cultura islâmica) para que a luz penetre e preencha o ambiente e, uma vez abertas as janelas, o propósito é estabelecer uma maior ligação entre o interior e exterior, agora em detrimento do caos ensurdecido proveniente das bombas, ouve-se a natureza (audição).

Os demais espaços lúdicos distribuídos ao longo dos pisos, procuram ocasionar momentos de descontração e lazer para toda a família.

Por sua vez, no sótão, e onde a privacidade é maior, a existência de uma grande abertura que ilumina totalmente o cômodo, poderá ser visto – não só mas também para os mais religiosos – como um momento único presente na casa, um espaço de retiro, de introspeção, com vista para a serra e articulação com a varanda, de onde se pode vislumbrar o horizonte, esquecer o passado e idealizar o futuro.

Conclusão



Final concreto
Tudo em aberto
Futuro na mão
[Fachada, B. 2012]

Apropinqua-se o término, o percurso, por sua vez, entre impasses iniciais e meios auspiciosos, revela-se gratificante.

As pesquisas levadas a cabo, bem como a construção mental e física desta dissertação – embora algo densas e maçadas – permitiram obter um prisma ininteligível até então.

Chegados ao epílogo percebemos as similaridades entre o sistema, estrutura e composição formal que alicerçam a presente dissertação e os diversos temas abordados. Assim como o caráter da aldeia do Catarredor e as conjunturas inerentes ao povo Sírío, também, e através do enfoque e arranjos elaborados, procuramos ser diretos, objetivos e concisos, ábditos de ‘floreados’ e ornatos exacerbados. Os conteúdos explanados, devido à extensa componente teórica, tiveram de ser balizados e direcionados somente para o âmbito proposto – a arquitetura.

A contemporaneidade instaura novos paradigmas universais. As barreiras eclodem, as ligações dinamizam-se e a casa é agora o globo.

Cabe-nos a nós, enquanto arquitetos, analisar e interpretar o presente para antecipar e prognosticar, fundamentadamente, o futuro, com o intuito de precaver um extravio dos prolegómenos da arquitetura.

A arquitetura, na hodiernidade, ostenta e assume-se enquanto espetáculo – muito mais do que um bem necessário – e a imagem eleva-se. Os gestualismos ganham forma, a representação jactancia-se e a essência esvai-se.

O caráter, para aqueles que veem na autenticidade um sustentáculo, permanece fixo, imóvel, inalterado, principalmente nos locais menos tangíveis ao Homem.

A aldeia do Catarredor, detentora de um espírito e essência muito próprios, subsiste expectável por aqueles que poderão, eventualmente, chegar.

Os espaços – propícios à ocupação – devem permanecer segundo os conceitos e princípios existentes, podendo, todavia, receber novos usos, novos tratamentos e novas vivências, desde que em momento algum alterem o *genius loci* do Catarredor.

O slogan tanta casa sem gente, tanta gente sem casa descreve e caracteriza o binómio aldeia do Catarredor – refugiados com que nos deparamos e que serve de mote para a elaboração desta investigação.

Os trajetos, percursos, caminhos repletos de volubilidades, adversidades e vicissitudes várias, moldam a personalidade daqueles que a estas circunstâncias estiveram sujeitos. O sofrimento já lá vai, é passado, por ora deve ser encarada uma nova realidade, longe guerras e inseguranças, a partir de uma janela – lá do alto da Serra da Lousã – com vista para o futuro.

Uma vez aqui, ulteriormente a todo o processo teórico e prático, compreendemos o tema com um espírito e ideias diferentes daquelas que outrora foram pré-estabelecidas.

Tendo como base concreta a questão “*existe um modo de ‘fazer arquitetura’ que permita que povos oriundos dos locais mais remotos se sintam em casa na aldeia do Catarredor sem que esta perca o seu *genius loci*?*”, podemos concluir, primeiramente, que não devem ser aplicados modelos ou cânones universais indiscriminadamente. Segundo a velha máxima cada caso é um caso, percebemos que, efetivamente, e embora o local de intervenção seja o mesmo, cada habitação apresenta as suas próprias peculiaridades, características favoráveis e condicionantes, apresentando variedade nos conteúdos programáticos e ‘público alvo’ a que se dirige.

Em seguida, entendemos que a interação entre o ser humano e a obra não é, de todo, linear. Esta relação está dependente de um processo cognitivo, conhecimento e memórias que são singulares e intransmissíveis. Também os sentidos e a interpretação e perceção da ‘mensagem’ se assemelha à conexão entre o Homem e o objeto, isto é, não é uma relação direta, e está dependente de fatores ora internos ora externos, que quando tocam e alcançam o ser humano são passíveis de obter vários significados.

Por fim, não é (só) a arquitetura que define os padrões e fundamentos que regem a sociedade, contudo, possui um papel determinante nesse quesito. Não, não é possível determinar um padrão efetivo com o intuito de proporcionar a sensação de ‘lar’ sem que se observe, investigue e examine cada caso singular e detalhadamente – correndo o risco de, até mesmo nesses casos, não se obter respostas concretas –, todavia, existem noções,

elementos e idiosincrasias que, maioritariamente através da matéria prima e materialidade, evocam reminiscências facilitando a integração do ser humano no espaço.

Vimos, por intermédio desta investigação, respondidas várias questões e subtraídas várias dúvidas, todavia, e segundo o poeta Castelhana António Machado, o caminho faz-se caminhando, pelo que, e apesar de muitas outras questões terem ficado por responder, brotam novos rumos de possível estudo como, por exemplo, a possibilidade de chegada de muitos outros povos e culturas – que não provenientes do médio oriente – à aldeia do Catarredor, e/ou até mesmo, e com base no mesmo ‘público alvo’, o estudo de novas unidades tipológicas com base nas pré-existências da aldeia.

Para além das respostas alcançadas, consideramos ainda muitas outras por responder, cuja procura possibilita percorrer outras orientações. Deste modo, deixamos em aberto a possibilidade da continuação e aprofundamento do tema uma vez que nenhum trabalho se encontra definitivamente terminado.

Dessarte, proveniente de um conjunto de questões aqui colocadas, são abertas novas áreas de estudo com convicções que no início deste percurso eram desconhecidas. [Marques, 2019: 188]

Bibliografia

BARBOSA, Ycarim Melgaço (2006). **Conflitos de identidade e os não lugares**. Coimbra: Cadernos de Geografia, FLUC, 2005-2006.

BAUMAN, Zygmunt (2008). **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. ISBN 9788537800669

BRUNETTI, José Luiz A. (1995). **Globalização: Tensões e Limites**. Campinas: Cadernos da FACECA, 1995. ISSN 0104-1495

CHAVES, Mário (2002). **O mundo global**, in *Sebentas D'arquitetura*, 4. Lisboa: Sebentas d, 2002. ISBN 9728397453

FACHADA, B (2012) **O fim**. in *o fim [LP]* Lisboa: Golden Pony (2012)

FERNANDES, Manuel Correia (1988). **ESBAP/ Arquitetura anos 60 e 70: apontamentos**. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1988.

FREITAS, Pedro Boléo (2002). **Anti-globalização do habitat**, in *Sebentas D'arquitetura*, 4. Lisboa: Universidade Lusíada, 2002. ISBN 9728397453

GAMBOIAS, Hugo (2013) **Arquitetura com sentido(s): Os sentidos como modo de viver a arquitetura**. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal)

GONÇALVES, Jorge (2002). **Globalizar para reinar – fragmentar para resistir: o caso do espaço metropolitano**, in *Sebentas D'arquitetura*, 4. Lisboa: Universidade Lusíada, 2002. ISBN 9728397453

HALL, Stuart (2006). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. ISBN 85-7490-402-3

MARQUES, Juliana (2019). **Compor espaço através do silêncio: Sobre a materialização do vazio para a poética do espaço**. (Dissertação de mestrado, Universidade Lusíada – Norte Porto, Porto, Portugal)

MARTINS, Marta (2012). **Pensar em Arquitectura através da Arquitectura: Percepção do homem no [e do] espaço arquitectónico**. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, Portugal)

NESBITT, Kate (2008). **Uma agenda nova para a Arquitetura: antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. ISBN 9788575035993

NEVES, Victor (2002). **Editorial**, in *Sebentas D'arquitetura*, 4. Lisboa: Universidade Lusíada, 2002. ISBN 9728397453

PALLASMAA, Juhani (2011). **Os olhos da pele**. Porto Alegre: Bookman, 2011. ISBN: 9788577807772

PINHEIRO, Nuno (2018). **A crise de valores na arquitetura na era da globalização: entre a responsabilidade e a liberdade formal**. (Dissertação de mestrado, Universidade Lusíada de Lisboa, Lisboa, Portugal)

PÍRES, Amílcar de Gil (2008) **Carácter da Arquitetura e do Lugar**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2008.

SÁ, Teresa (2014). **Lugares e não lugares em Marc Augé**. São Paulo: Tempo Social, Revista de Sociologia, USP, v.26, n.2, 2014. ISSN 0103-2070

SOUTO DE MOURA, Eduardo (2008). **Eduardo Souto de Moura. Conversas com estudantes**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008. ISBN 9788425222672

WALLERSTEIN, Immanuel (1991). **Geopolitics and Geoculture: Essays on the changing world-system**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. ISBN 9780521404549

Fontes eletrónicas

ALDEIAS DO XISTO (n.d). **A Rede**. [consult. 20 de outubro de 2019] Disponível em: <https://aldeiasdoxisto.pt/content/rede>

CIERCO, Teresa Gomes (2017). **Esclarecendo conceitos: refugiados, asilados políticos, imigrantes ilegais**, in *Fluxos Migratórios e Refugiados na Atualidade*, série relações Brasil-Europa, 2017. [consult. 07 de dezembro de 2020] Disponível em: <https://bit.ly/3qLeyW2>

FRIAÇAS, Andreia (2019). **Portugal acolheu 1866 refugiados — menos de metade do que o acordado com a União Europeia**. Público, 2019. [consult. 07 de dezembro de 2020] Disponível em: <https://bit.ly/2W4mTWI>

MUNICÍPIO DA LOUSA (n.d). **Serra da Lousã**. [consult. 20 de outubro de 2019] Disponível em: <https://cm-lousa.pt/turismo/lousa-convida/serra-da-lousa/>

ONU (2002). **Direitos humanos e refugiados**, N.º 20 Ficha Informativa Década das Nações Unidas para a Educação em matéria de Direitos Humanos 1995|2004. [consult. 07 de dezembro de 2020] Disponível em: <https://bit.ly/3qGWkVk>

ONU (n.d). **Síria: um conflito trágico sem fim à vista**. [consult. 07 de dezembro de 2020] Disponível em: <https://unric.org/pt/siria-um-conflito-tragico-sem-fim-a-vista/>

PARRA, Rafael Róldan (2015). **Análise da crise na Síria: Implicações na segurança nacional de Espanha**. (Instituto de Estudos Superiores Militares, Pedrouços, Maia, Portugal). [consult. 07 de dezembro de 2020] Disponível em: <https://bit.ly/3oGHn43>

SILVAS, Guilherme Correia (2020). **Nós vamos conseguir. Palavras de Merkel que marcaram uma nova era para os refugiados**. Renascença, 2020. [consult. 07 de dezembro de 2020] Disponível em: <https://bit.ly/2LnZDRh>

WEATHER SPARK (n.d). **Condições meteorológicas médias de Lousã**. [consult. 20 de outubro de 2019] Disponível em: <https://bit.ly/3gxc715>

Apêndices

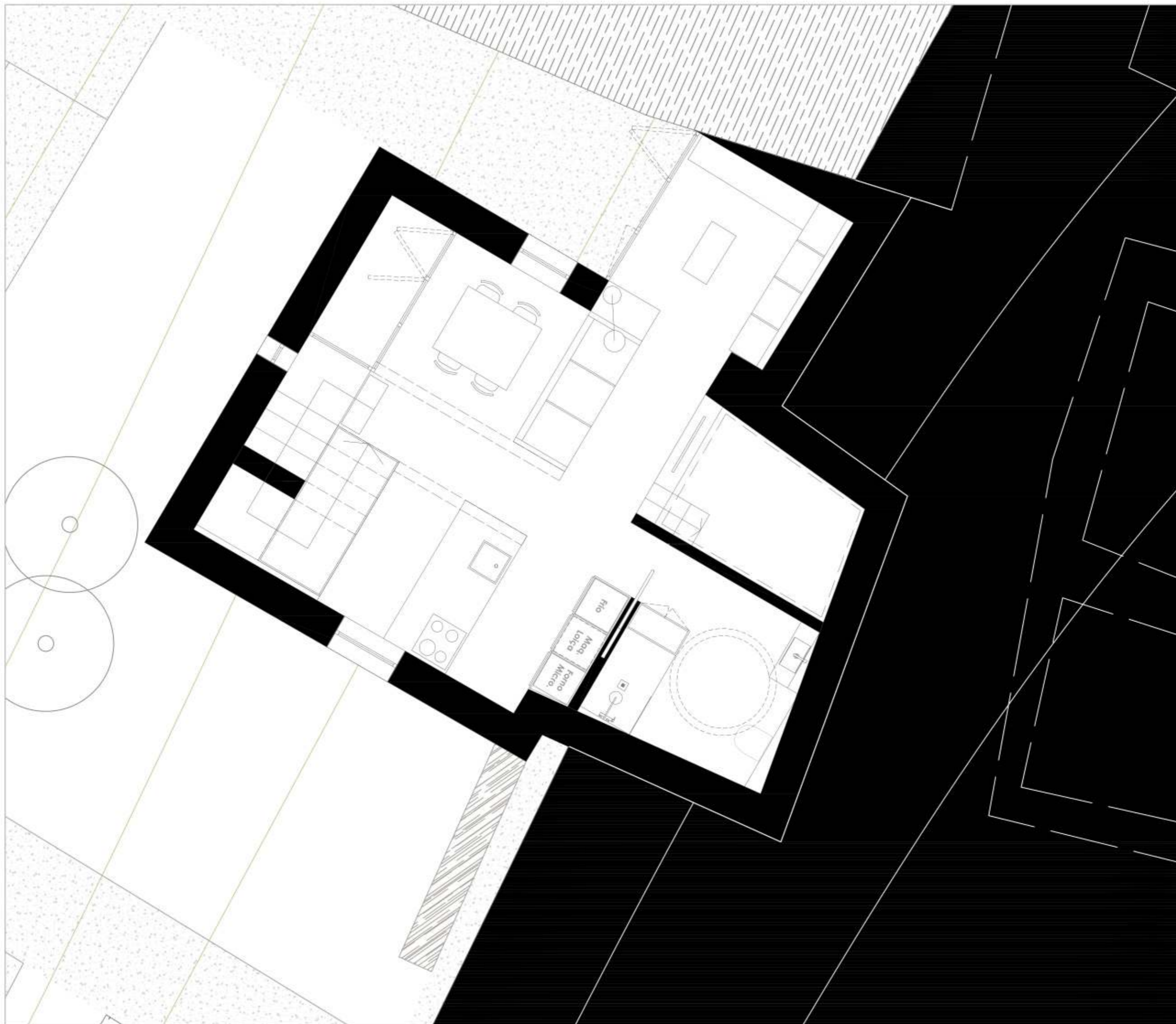
Tipologia 1
Planta de inserção
na envolvente



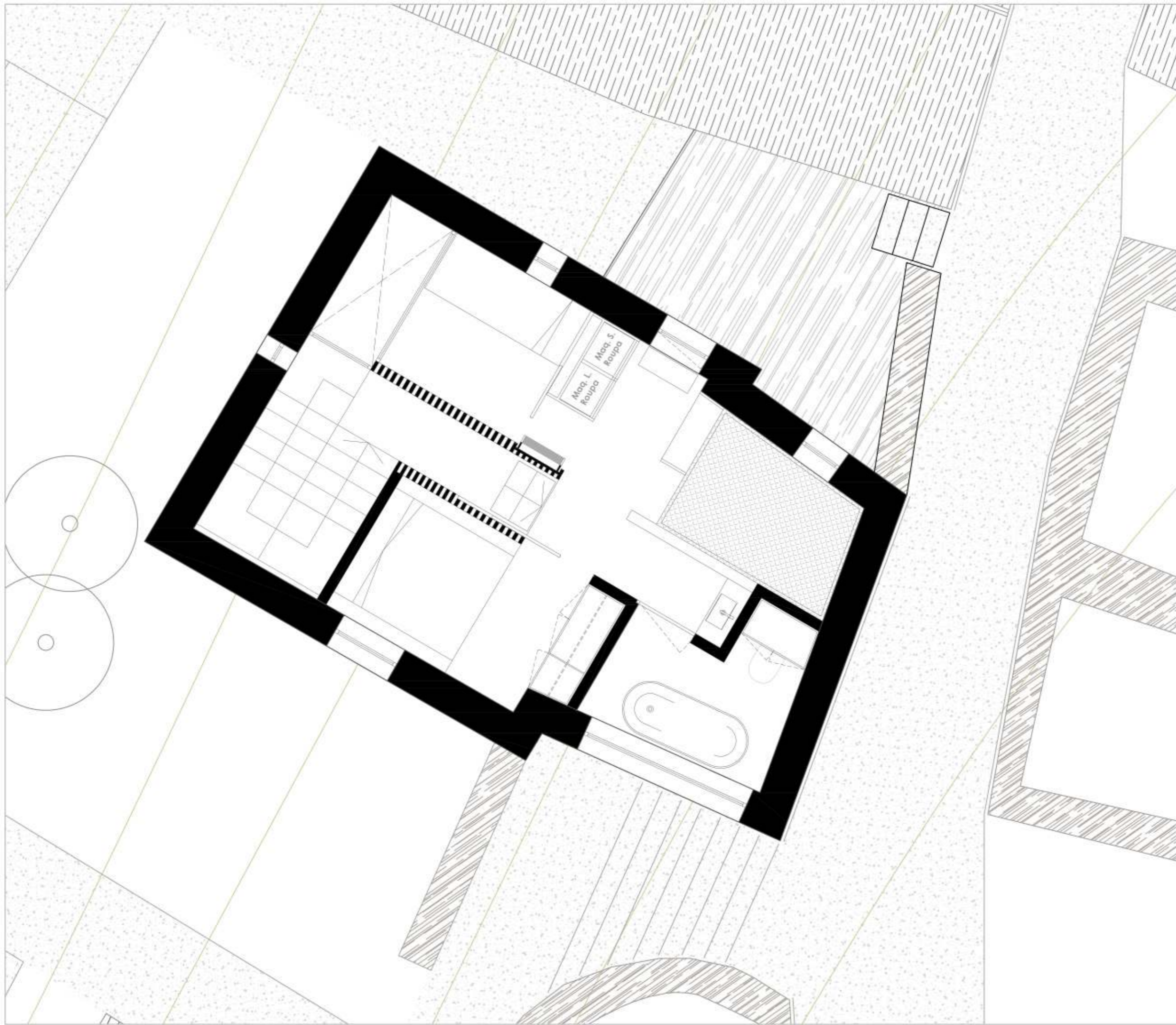
-  Tipologia 1
-  Espaço de culto religioso



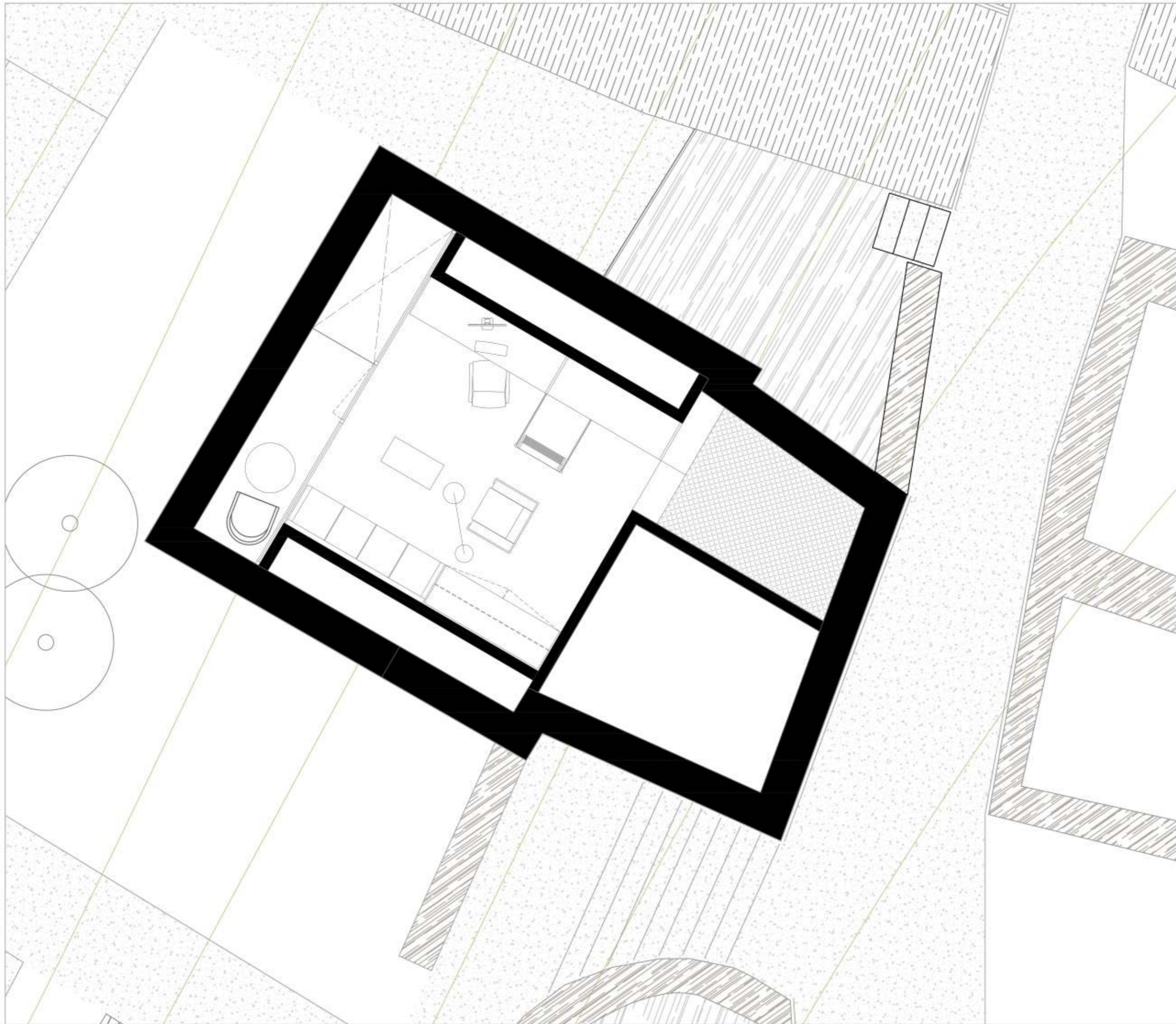
Tipologia 1
1° piso



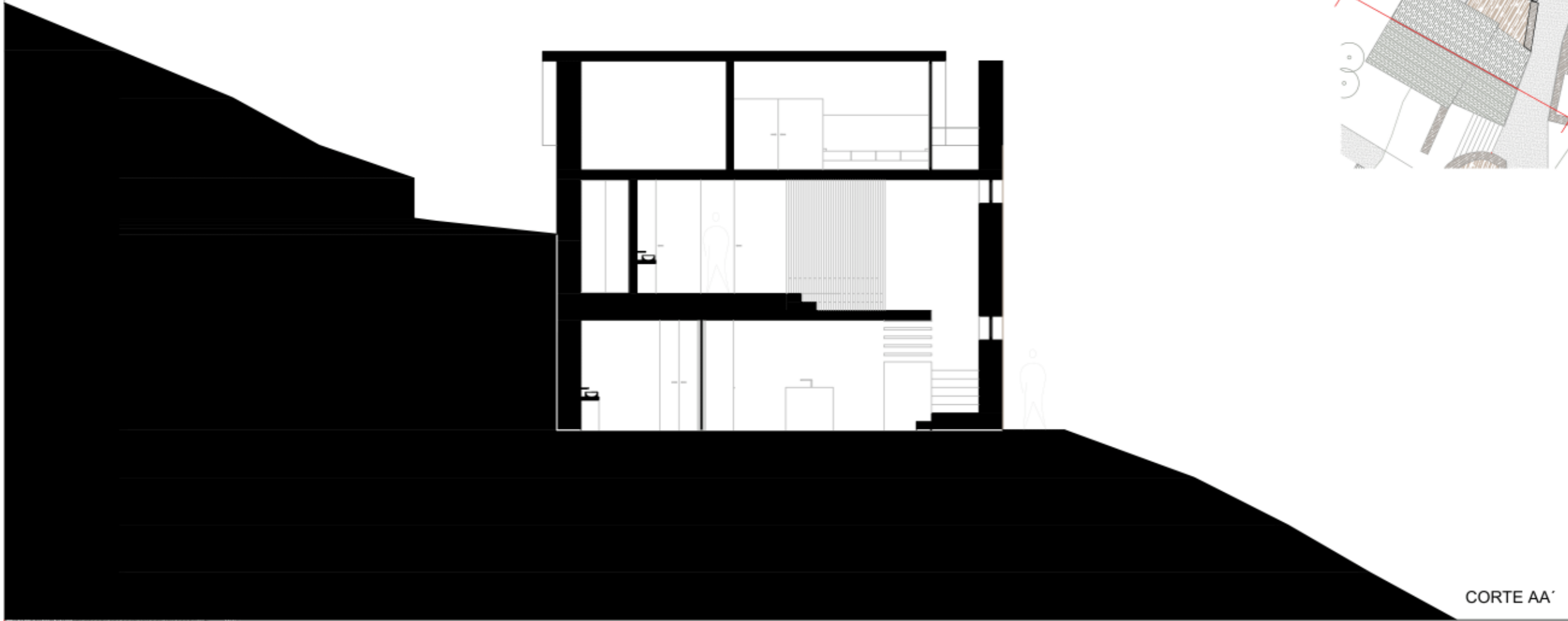
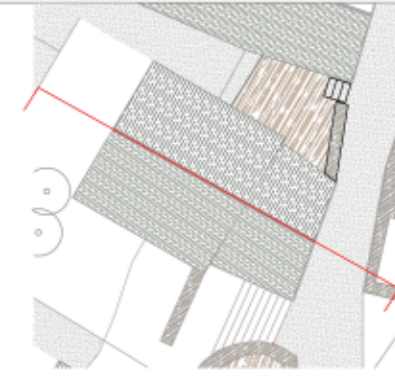
Tipologia 1
2º piso



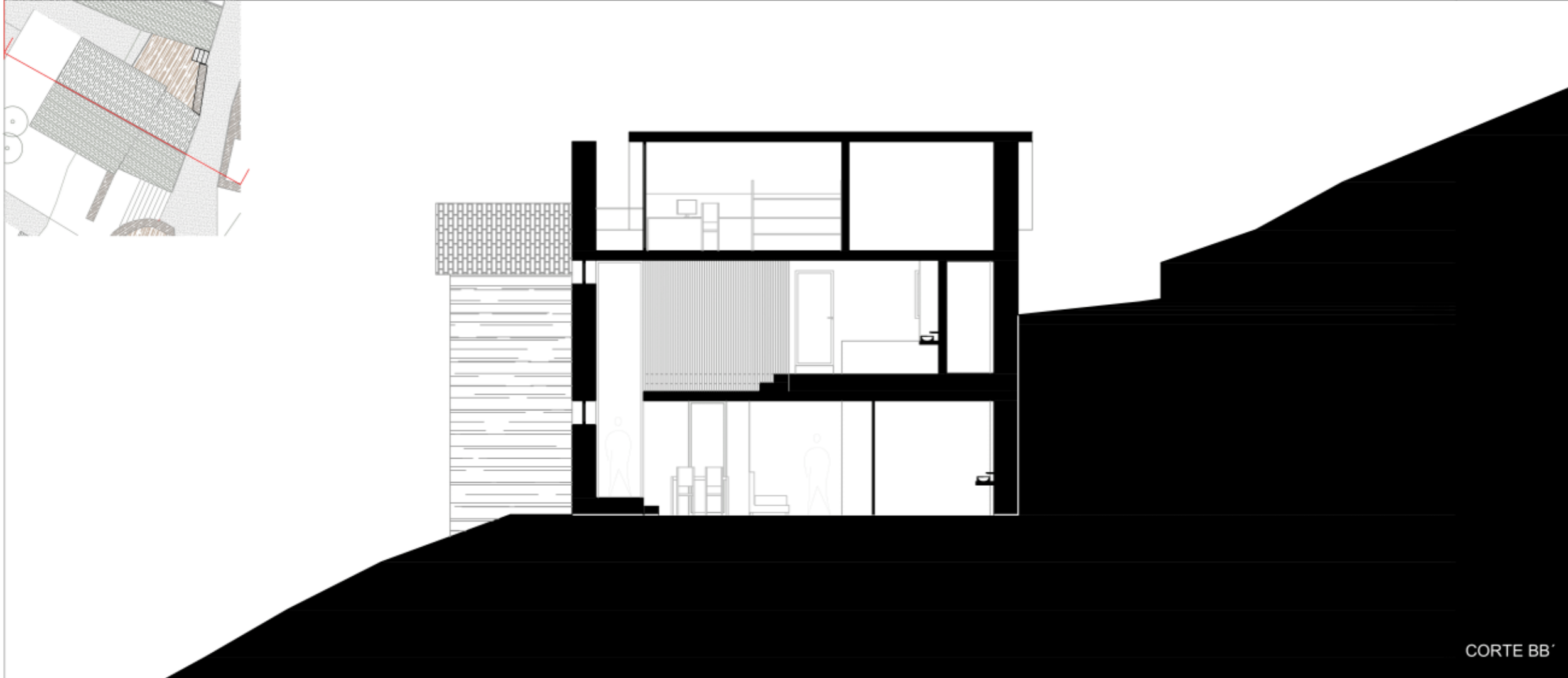
Tipologia 1
3° piso



Tipologia 1
Cortes

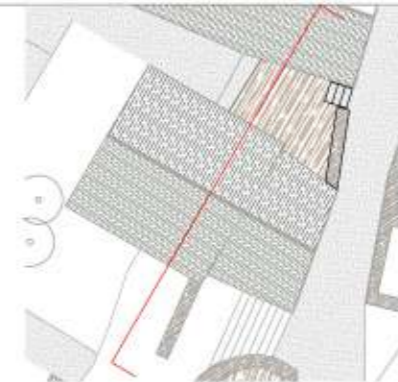


CORTE AA'



CORTE BB'

Tipologia 1
Cortes

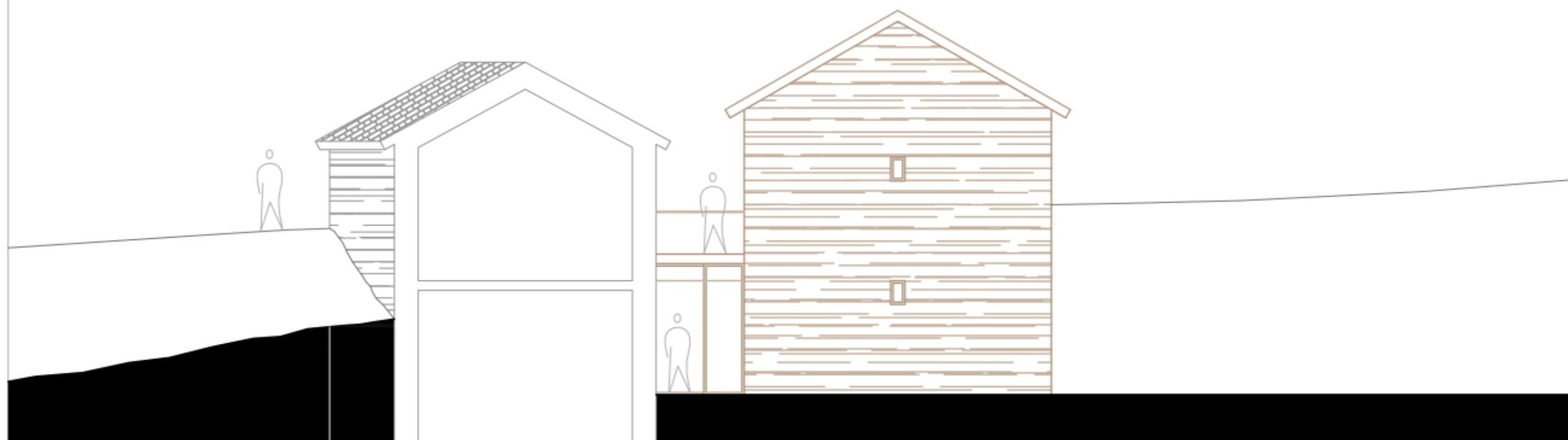


CORTE CC'



CORTE DD'

Tipologia 1
Alçados



Tipologia 1
Alçados



ALÇADO SUDOESTE



ALÇADO NORDESTE

Tipologia 1

Pormenor Construtivo

PREGO

TELHA CERÂMICA

FORRO DE MADEIRA

RIPA EM MADEIRA

LOUSA "PINGANTE"

BARROTE EM MADEIRA

PAREDE EM ALVENARIA DE XISTO

PADIEIRA EM MADEIRA

BATENTE EM MADEIRA

JANELA COM CAIXILHARIA EM MADEIRA

PEITORIL

SOALHO EM MADEIRA DE PINHO

PADIEIRA EM MADEIRA

PORTA EM MADEIRA

SOLEIRA

BETÃO AFAGADO

SAIBRO COMPACTADO

GRAVILHA

GEODRENO

MANTA GEOTEXTIL

ALVENARIA DE XISTO

BARÃO ROSCADO

PERFIL METÁLICO

PAINEL EM MADEIRA DE PINHO

ISOLAMENTO TÉRMICO

RODAPÉ EM MADEIRA

VIGA DE MADEIRA

SOALHO FLUTUANTE

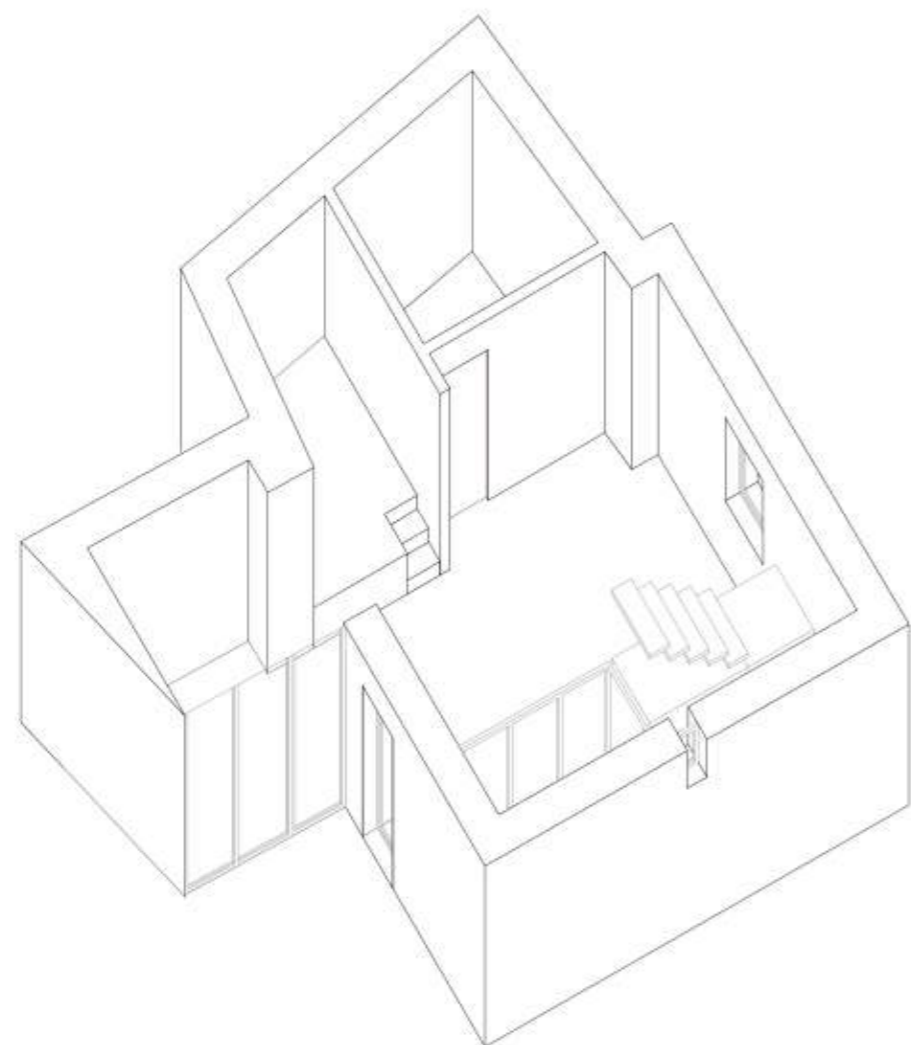
ARGAMASSA DE REGULARIZAÇÃO

ISOLAMENTO TÉRMICO

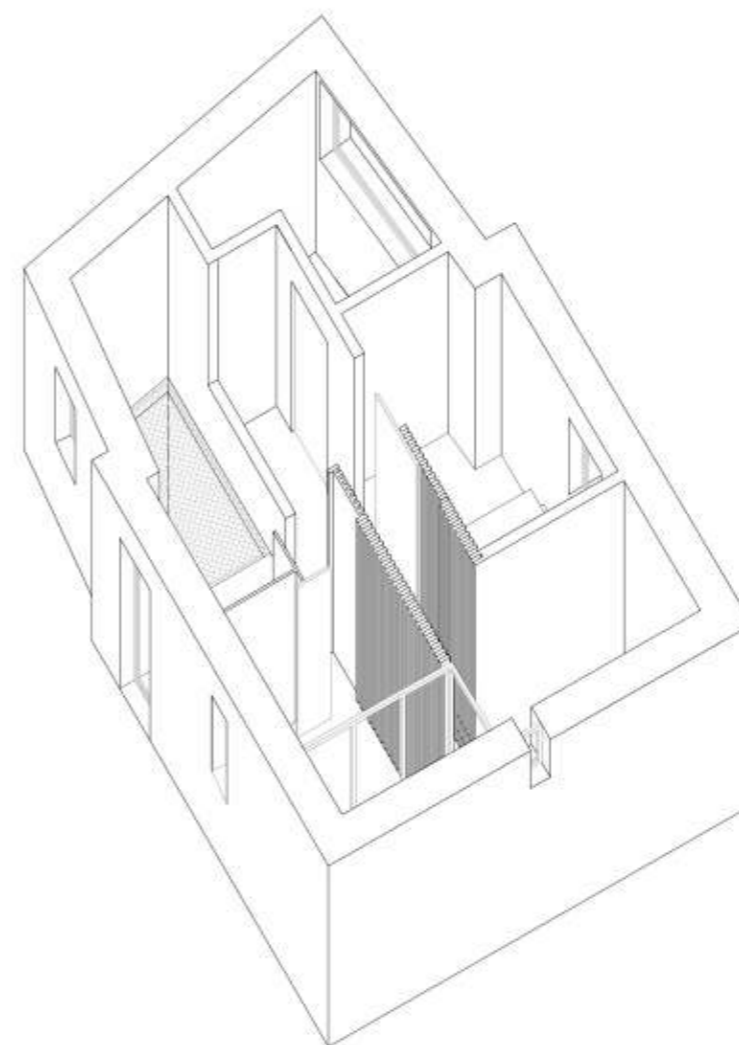
BETÃO

MEMBRANA DE HDPE

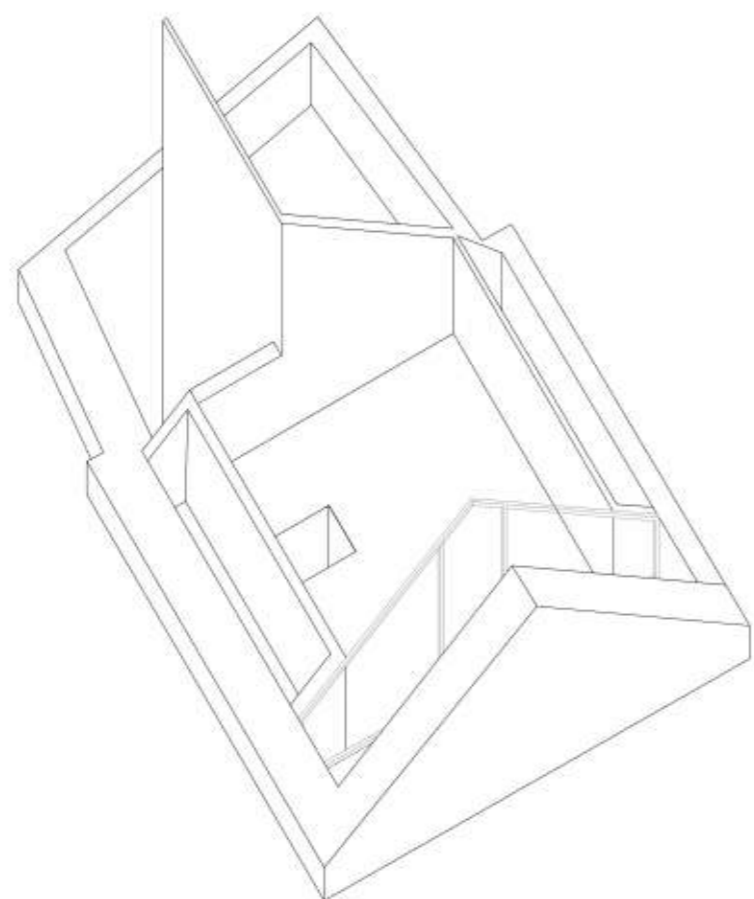
BRITA



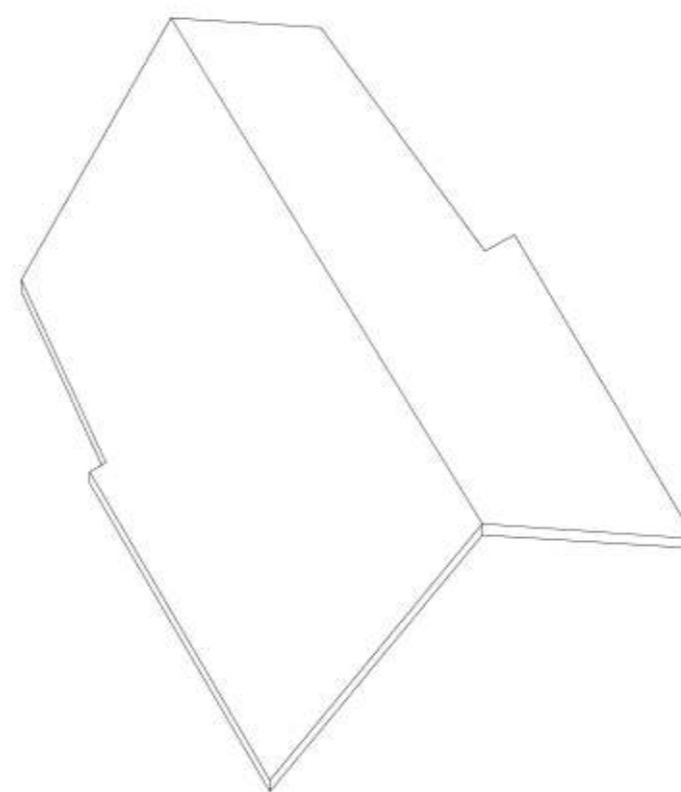
1° piso



2° piso



3° piso



Cobertura